



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ERILANIA FERREIRA MENDES**

**A EXPERIÊNCIA DA CONVERSAÇÃO PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES EM  
UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO**

**FORTALEZA**

**2026**

**ERILANIA FERREIRA MENDES**

A EXPERIÊNCIA DA CONVERSAÇÃO PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES EM  
UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas da Psicanálise

Orientadora: Profa. Dra. Vlândia Jamile dos Santos  
Jucá

FORTALEZA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M49e Mendes, Erikania Ferreira.  
A experiência da conversação psicanalítica com adolescentes em uma escola de ensino médio : :  
Reflexões sobre o método / Erikania Ferreira Mendes. – 2026.  
113 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2026.  
Orientação: Profa. Dra. Vlândia Jamile dos Santos Jucá.
1. Conversação. 2. Narrativa. 3. Adolescentes. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD 150

---

ERILANIA FERREIRA MENDES

A experiência da conversação psicanalítica com adolescentes em uma escola de ensino médio:

Reflexões sobre o método

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 21/01/2026

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Vlândia Jamile dos Santos Jucá(Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Luciana Gageiro Coutinho

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Dedico este trabalho à minha afilhada Laura Monalisa (*In memorian*), que me concedeu não só um amor puro, mas me deu o privilégio de viver tão de perto a sua passagem da infância para adolescência. Hoje, seu olhar e suas palavras fazem morada no meu coração.

## Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Neuma e Chico, por me investirem de palavras amorosas e apostas corajosas, por me ensinarem a leitura do mundo. Ao meu irmão, Inácio, por ser tão gentil comigo na minha adolescência. Agradeço à Adyna por embarcar nessa travessia comigo, pelo zelo e por acreditar em mim, e também à Edineide e ao Adilson pelos espetos, viagens e risadas.

Agradeço à minha avó por me ensinar a contar histórias. Às minhas tias, Neidinha, Nilma, Edna, Eliane e Duda, e ao meu primo, Heitor, por compartilharem o humor, as piadas e os chistes diante de histórias não tão engraçadas assim.

Agradeço aos meus amigos da turma do mestrado pelas trocas nas aulas. Agradeço, em especial, ao grupo que me acolheu e foi primordial para eu chegar até aqui: Marina, Natália, Mayara, Thamara e Humberto; obrigada pelas risadas, pelas noitadas e pelos sambas. Ao meu grupo de pesquisa pelas idas e vindas ao campo e por compartilhar o interesse particularizado a cada conversação: Távina, Vinicius, Karol, Gabriel, Wlândia, Ricelli e Mariana.

Às minhas amigas de vida: Fernanda, Emyle, Ana Beatriz, Isabelle, Ana Rosa e Virgínia. À Samya e ao Rayan pela amizade genuína. À Tavina pelo encontro especial; obrigada por compartilhar as tarefas, os treinos, os bolos de chocolate e as figurinhas comigo. Ao Gabriel e à Maria Nazaré por dividirem as terras de cá e de lá comigo. Agradeço aos amigos que me receberam em Fortaleza, Larissa, Dobel, Geovane e Mariana.

A professora Vlândia por acolher as minhas propostas, escutar as angústias e ensinar a fazer pesquisa com sensibilidade e seriedade.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico -FUNCAP pelo apoio financeiro, com a manutenção da bolsa de auxílio, que fez com que fosse possível sustentar esse mestrado.

Agradeço à banca de avaliação, Carol Leão e Luciana Coutinho por aceitarem o convite e fazerem contribuições pertinentes para evolução desse estudo.

Por fim, agradeço aos adolescentes que fizeram parte das conversações, que por vezes me faziam rir e criaram o grupo *Na cabeça da gente, falando o que sente*; obrigada por me concederem esse espaço.

*“(...) as palavras de nossos discursos cotidianos nada mais são do que magia empalidecida. Mas será necessário trilhar um desvio para tornar compreensível como a ciência consegue devolver à palavra pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico”*  
(Freud, 1890/2021, p.19)

## Resumo

Esse estudo tem como objetivo geral compreender como as conversações psicanalíticas auxiliam na elaboração de uma narrativa do sofrimento psíquico entre estudantes do ensino médio de uma escola pública situada no Grande Bom Jardim, em Fortaleza. A proposta é justificada por entender que o diagnóstico psiquiátrico está cada vez mais presente dentro da escola, em vista disso, as formas para se referir ao mal-estar são incorporadas a uma gramática universal, em que, por vezes, o sujeito se vê refém do seu sintoma. Assim, como objetivos específicos, visamos: apresentar as conversações como uma modalidade de pesquisa-intervenção a partir da psicanálise; entender como os adolescentes se apropriam do dispositivo das conversações na construção de uma narrativa sobre si; e, mapear os desafios do método a partir da experiência realizada. O caminho metodológico foi composto por dois momentos, sendo o primeiro, das conversações realizadas *com* adolescentes do ensino médio em uma escola do Grande Bom Jardim, em Fortaleza. A partir da experiência empírica, o segundo passo consistiu na discussão teórica acerca de como o método opera como elemento facilitador da construção das narrativas sobre si. Feito isso, no primeiro capítulo é realizada uma discussão acerca do conceito da adolescência em sua perspectiva sociohistórica, psicanalítica e suas ressonâncias no contexto escolar. No segundo capítulo, procuramos descrever como os adolescentes se apropriam do método da conversação, por meio da construção de uma tabela do movimento de significantes, bem como abordamos duas potencialidades principais dessas ferramentas, a possibilidade de criar uma narrativa em nome próprio e a função desse espaço para escuta e endereçamento de situações de violências que atravessam esses adolescentes. Ainda, destacamos, também, uma discussão acerca do conceito de desamparo discursivo e laço social, fazendo uma articulação com a narrativização do sofrimento psíquico. Por fim, utilizamos a dimensão do humor e do

chiste para explorar como esses elementos apareceram nas conversações. Dessa forma, apostamos que a conversação como associação livre coletivizada, mediada pela transferência, institua um espaço de escuta e de fala na escola, possibilitando a construção de um saber singular que transcende a nosografia hegemônica, ou pelo menos, faz chacoalhar aquilo que está cristalizado.

**Palavras-chave:** conversação, narrativa, adolescentes, psicanálise

## **Abstract**

The overall objective of this study is to understand how psychoanalytic conversations help to construct a narrative of psychological distress among adolescents at a public school located in Grande Bom Jardim, Fortaleza. The proposal is justified by the understanding that psychiatric diagnosis is increasingly present within schools considering this topic, ways of referring to discontents are incorporated into a universal grammar, in which the subject sometimes finds themselves hostage to their symptoms. Thus, the specific objectives are: Present conversations as a form of intervention research based on psychoanalysis; understand how adolescents appropriate the conversation device in constructing a narrative about themselves and map the challenges of the method based on the experience carried out. The methodological approach consisted of two stages, being the first, conversations with high school students at a school in Grande Bom Jardim, Fortaleza. Based on empirical experience, the second step was a theoretical discussion of how the method facilitates the construction of narratives about oneself. Following the completion of this step, on the first chapter it is discussed the concept of adolescence from a socio-historical and psychoanalytical perspective and its resonance in the school context. The second chapter, describes how adolescents appropriate the conversation method by constructing a table of signifier movements, as well as addressing two main potentialities of these tools, the possibility of creating a narrative on their own behalf and the function of this space for listening and addressing situations of violence that these adolescents experience. Thus, it is highlighted a discussion about the concept of discursive helplessness and social bonds, linking it to the narrativization of psychological suffering. In addition, the use of humor and jokes to explore how these elements appeared in the conversations. Thus, the objective is to achieve the use of conversation as a collectivized free association, mediated by transference, establishing a space

for listening and speaking at school, enabling the construction of a unique knowledge that transcends hegemonic nosography, or at least shakes up what has become crystallized.

**Keywords:** adolescents, conversation, narrative, psychoanalysis

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>Uma caracterização do método na prática: A inserção no campo, limites e encontros com o uso da conversação.....</b>	<b>19</b>
<b>Adolescência, Psicanálise e Educação: Uma contextualização do espaço em que a conversação foi inserida.....</b>	<b>36</b>
<b>Conversações com adolescentes: Tateando novos caminhos metodológicos em psicanálise.</b>	<b>49</b>
<b>Do campo à teoria: Reflexões acerca do sofrimento psíquico do adolescente na contemporaneidade.....</b>	<b>77</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>94</b>
<b>Referências.....</b>	<b>99</b>



## Introdução

*“Se a minha mente fosse um espelho, você veria os cacos desse espelho e você, você me olharia com esse mesmo desejo? Mesmo sabendo que o amor demasiado não tem mais jeito? Os meus traumas são fantasmas que nunca vão. Será que um dia eu vou abrir o meu coração?”* (Fala de um participante da conversação).

Escolhi a fala do participante como epígrafe da introdução por ser um trecho de um poema que foi lido por ele mesmo em uma das conversações. Um exemplo de quando a palavra encontra destinos, seja pela arte, no poema, seja pelo endereçamento ao grupo. Desse modo, essa pesquisa para se tornar concreta esteve amparada no que é fundamental e mais importante na psicanálise: o uso da fala e da palavra, bem como seus efeitos. Em contexto, atualmente, tem-se observado uma crise da narrativa (Han, 2023), ou seja, uma impossibilidade de nomear o sofrimento psíquico de um modo singular e próprio. Esse fenômeno é intensificado pela expansão da patologização e medicalização da vida. Em outras palavras, a gramática usual do sofrimento psíquico liderado pelo neoliberalismo (Safatle et al., 2020) faz com que a produção de uma narrativa sobre si seja diretamente afetada. Tal acontecimento tem ressonâncias no novo giro de constituição subjetiva presente na adolescência. Em razão disso, por meio dessa dissertação, registra-se os dois anos de pesquisa acerca do uso da conversação com adolescentes em uma escola periférica de Fortaleza, no Estado do Ceará. Este escrito formaliza os aprendizados adquiridos nas disciplinas, nas trocas com os colegas de pesquisa e, principalmente, na escuta dos adolescentes que passaram pelas conversações.

A pergunta que se faz bússola para o caminhar desta pesquisa é: Como as conversações auxiliam na elaboração de uma narrativa sobre o sofrimento psíquico entre adolescentes do ensino médio de uma escola pública em Fortaleza? A fim de responder essa indagação, o

objetivo geral é: Discutir como as conversações auxiliam na elaboração de uma narrativa do sofrimento psíquico, a partir de uma experiência com adolescentes do ensino médio de uma escola pública situada em Fortaleza. Como objetivo específico pretende-se: 1. Apresentar as conversações como uma modalidade de pesquisa-intervenção a partir da psicanálise; 2. Entender como os adolescentes se apropriam do dispositivo das conversações na construção de uma narrativa sobre si 3. Mapear os desafios do método a partir da experiência realizada.

Um estudo, publicado no ano de 2024, pela *The Lancet Regional Health*, demonstra que, no Brasil, as taxas de notificações por autolesão aumentaram cerca de 29% a cada ano no período de 2011 a 2022, em pessoas com idades entre 10 e 24 anos (Oliveira et al., 2024). Considerando a faixa etária considerada na pesquisa, a maior parte do intervalo de idade é atravessada pelo tempo que se passa na escola, ou seja, potencialmente a escola é testemunha dessa prática entre seus alunos.

Os processos de autolesão podem ser lidos como uma vazão de uma angústia que não foi possível ser endereçada ou narrada. É, portanto, uma forma de apaziguamento que o adolescente pode encontrar para aquilo que não foi nomeado. Nesse sentido, o aumento de casos de autolesão apontam para a constatação de uma fragilização do registro simbólico e da dimensão alteritária, como por exemplo, a impossibilidade de contar com um Outro (Coutinho, 2023).

Importante considerar também no contexto brasileiro, uma precarização das condições concretas de vida. Desse modo, Guski e Lo Bianco (2023) apontam algumas pistas para entender como a escola e, conseqüentemente, a juventude vem passando por um ataque e um lento cancelamento do futuro. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no Atlas da violência de 2021, a principal causa de morte entre os jovens no Brasil foi a violência.

Nesse cenário, é necessário que a escola brasileira, já que é um lócus para produção de subjetividade, seja repensada em sua lógica basilar e passe por transformações macro e microsociais. Considerando a segunda instância, entendo como relevante a oferta de espaços de fala e de escuta na escola, apresentando-se enquanto terrenos férteis para invenções singulares e articulações coletivas (Coutinho, 2023). Portanto, a premissa para essa pesquisa ser efetivada é que possa ser feita *com* os adolescentes envolvidos, (Jucá, 2020), justificando, assim, a escolha pela pesquisa-intervenção através do dispositivo psicanalítico da conversação.

As conversações abrem o espaço para leitura do mal-estar escolar amparado pelo não-saber. A origem dessa prática no campo da psicanálise surge no Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Infância (CIEN). As conversações não são consideradas apenas como um método investigativo, mas também como um tratamento psicanalítico, pois seguem o *ouro* da psicanálise: análise pessoal, formação teórica e supervisão (Carvalho, 2013). Além disso, essa metodologia também se vale dos recursos dos princípios clínicos psicanalíticos fundamentais, como associação livre, transferência e interpretação, elucidados por uma orientação lacaniana.

No que tange a análise de implicação, a pesquisa é esboçada como desdobramento do meu trabalho de conclusão do curso de psicologia, em que foram realizadas intervenções com psicanálise e educação, partindo de conversações com professores em uma escola pública da rede estadual da Paraíba. Ao iniciar o percurso dentro do Programa de Pós-Graduação em Psicologia no curso de mestrado, advinha de um percurso acadêmico onde estudava e trabalhava em grupo de pesquisa da faculdade com o método da conversação.

Assim, a primeira versão do projeto pretendia identificar a forma em que os adolescentes se referem ao seu sofrimento psíquico, no entanto, ao longo dos estudos e dos encontros com o grupo de pesquisa, percebia que havia lacunas e contradições diante do próprio o dispositivo da

conversação, foi dessa forma, inclusive, que surgiu o interesse em produzir o artigo científico voltado para o que se tem produzido academicamente sobre a ferramenta. Portanto, fui direcionando a pesquisa para uma outra rota, agora, pensando pelo prisma metodológico, privilegiando as nuances acerca da aplicabilidade da conversação e sua potencialidade para narrativização do sofrimento psíquico. Desse modo, as conversações afetam-me academicamente e pessoalmente pela caracterização espontânea do campo, haja vista, elas correrem frouxo, as palavras tomarem as beiradas dos rios e saírem correndo para onde tem que chegar, sem conhecer o destino certo.

Possuindo a mania de carregar água na peneira, como o menino de Manoel de Barros, enchendo os vazios com as peraltagens e, no caso, com minhas histórias, causos e floreios. Herdei essa capacidade inventiva dos que vieram antes de mim, como a minha avó, na qual por si só já é uma personagem da rádio na nossa cidade, transmite sua habilidade narrativa pelas ondas sonoras todas as manhãs. Ainda, a escola foi, para mim, uma casa das palavras e por isso, foi guiada nessas implicações que pude sustentar meu interesse em estudar o funcionamento da psicanálise dentro do contexto educacional por meio da prática das conversações em que encontro, pela fala dos estudantes, motivos para ser firme na premissa freudiana de que a escola não deve adjudicar-se do seu caráter de vida (Freud, (2006 [1910])).

Quanto a justificativa da escolha do uso da conversação de base psicanalítica, acredita-se que os “efeitos alteritários” (Guski & Lima, 2023, p.30) da psicanálise provocam deslocamentos singulares e coletivos possibilitando os adolescentes encontrar uma forma criativa de nomear seu sofrimento psíquico. Assim, as conversações atuam “enquanto política da narrativa” (Jucá et al., 2021, p. 134). Pensando, portanto, na palavra como possibilidade de restituição da alteridade, de

modo a “(...) caminhar das políticas de sobrevivência às políticas de vida (...)” (Coutinho, 2024, p.187).

Posto isso, a curiosidade metodológica de como as conversações auxiliam na elaboração de uma narrativa do sofrimento psíquico entre estudantes do ensino médio de uma escola pública situada no Grande Bom Jardim em Fortaleza foram basilares para guiar este trabalho.

É importante salientar que essa pesquisa faz parte de uma pesquisa maior, “Guarda-chuva” coordenada pela Professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Vlândia Jucá, nomeada como Sobre Nós: Adolescências, Território e Saúde Mental.

Desse modo, a conversação psicanalítica consiste em realçar os significantes mestres, suas contradições, os efeitos cômicos, de humor e chistosos, os espantos e reverberações significantes (Berni et al, 2023). Portanto, essa prática permite com que o sujeito torne-se desejante deslizando de discursos alienantes (Rosa, 2023).

Logo, essa pesquisa-intervenção pretende se ocupar das invenções singulares de cada sujeito a partir de um coletivo. Portanto, é importante abrir espaço para uma discussão que vai além da abordagem psicopatológica, implicando em um fechamento de sentidos pautado em uma visão biologicista do sujeito. Reafirmando o uso fundante da fala dentro da psicanálise, haja vista que “essa possibilidade de o sujeito retomar seu destino, liberar os caminhos para seu desejo e sair de sua inferiorização é a promessa aberta da psicanálise”. (Galbarron-Garcia, 2023, p. 26).

O capítulo que dará abertura a esta dissertação pretende servir de guia teórico para embasar a discussão principal acerca do que se produziu nesse intenso período de estudos e de experiências no campo. No primeiro capítulo, realiza-se um percurso acerca da adolescência enquanto fenômeno histórico-cultural, as leituras da adolescência pela lente psicanalítica e a

prática com adolescentes na escola. Para Coutinho (2020) a adolescência é um período em que há novas posições nos registros do simbólico, do imaginário e do real. O manejo com adolescentes é feito perpassado pelos discursos sociais disponíveis na cultura, logo, é um trabalho que atravessa o campo sociopolítico da época (Coutinho, 2020).

O segundo capítulo desenvolve as formas que os adolescentes se apropriaram da ferramenta das conversações, buscando demonstrar de que forma as conversações podem auxiliar na narrativização do sofrimento psíquico de adolescentes, fazendo isso por meio da consideração das potencialidades e dos desafios do método. O objetivo foi enfatizar pontos importantes que construíram nossa prática e que atravessaram o caminho dessa pesquisa. A fim de compreender melhor como se encaminhou a cadeia significativa de cada conversação montamos uma tabela para servir de guia nesse esforço de teorização da nossa experiência. Além disso, como terceiro tópico aborda-se como a análise de enunciação pode ser uma ferramenta de análise para futuras pesquisas.

No terceiro capítulo realiza-se uma discussão teórico-conceitual acerca de três conceitos: a) Desamparo discursivo e laço social; b) Sobre os desafios em narrativizar o sofrimento psíquico e c) O riso e o chiste - A presença do humor nas conversações. Tais perspectivas ressaltam os prismas teóricos utilizados para realizar a leitura de como os adolescentes se apropriaram do dispositivo da conversação.

### **Uma caracterização do método na prática: A inserção no campo, limites e encontros com o uso da conversação**

#### **Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e é caracterizada como pesquisa-intervenção. A perspectiva metodológica adotada é a de conversações psicanalíticas. Essa opção escolhida

será fundamentada nos conceitos da psicanálise lacaniana, orientando tanto as escutas, quanto a análise dos resultados. Menezes et al. (2018), argumentam acerca da potência política da pesquisa-intervenção com jovens nas instâncias micro e macro sociais, partindo do pressuposto que o pesquisador assume uma posição implicada dentro da pesquisa. Diante disso, a psicologia e a psicanálise são convocadas na escola para possibilitar o exercício da fala, não se tratando de uma fala sem limites, mas de “um fazer falar que politize o sujeito ou a instituição, um fazer falar conduzido por uma ética de si, por uma implicação e por uma responsabilidade.” (Pereira, 2012, p. 27).

O uso da psicanálise em contexto de vidas precarizadas (Butler, 2019) apresenta dificuldades, particularidades e exigências metodológicas distintas, como é o caso da escola na qual foi realizada essa pesquisa. (Rosa, 2012). Marcadores específicos e cuidadosamente detalhados no relatório de pesquisa<sup>1</sup> publicado em 2023, feito através de uma cooperação entre o CDVHS (Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza, 2023) e o Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES-UFC), constatou um cenário de violência no bairro em que a escola está inserida atravessado por questões de raça, gênero e classe social. Além disso, a pesquisa identificou uma fissura entre ao mesmo tempo que a instituição escolar demonstra ainda um fator protetivo quanto a garantias de direito, ainda demonstra enfraquecimento no papel intersetorial dentro do território.

Nesse cenário, a psicanálise implicada (Rosa, 2012, p.30), voltada para um uso da psicanálise atravessado pelos aspectos sociopolíticos do sofrimento psíquico (Rosa, 2023), se mostrou como um conceito primordial para o prosseguimento dessa pesquisa. A premissa é de que a psicanálise

---

<sup>1</sup> Violência no Grande Bom Jardim sob a perspectiva de estudantes de escolas públicas de ensino médio: vitimização, percepções sobre segurança e repercussões educacionais: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2024/08/CDVHS-Relatorio-da-Pesquisa-Violencia-no-Grande-Bom-Jardim-sob-a-perspectiva-de-estudantes-1.pdf](https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2024/08/CDVHS-Relatorio-da-Pesquisa-Violencia-no-Grande-Bom-Jardim-sob-a-perspectiva-de-estudantes-1.pdf)

implicada seja voltada para “trabalhos que rompem o silenciamento mortífero desses que se veem assujeitados a discursos que lhes vedam a posição de sujeito” (Rosa, 2012, p.30). Essa condição está diretamente ligada a práticas das conversações que visam, sobretudo, colocar a palavra em circulação de modo a conduzir o sujeito a uma enunciação de si.

O principal ponto de partida é o movimento de ir do fenômeno ao conceito (Rosa, 2023), dito de outro modo, não ir ao encontro com os adolescentes a partir de um saber pré-estabelecido via abstrações teóricas, mas a partir do que surgir na oferta da palavra, recorrer aos conceitos disponíveis na literatura, a fim de formalizar a pesquisa. Tendo isso em vista, a intervenção psicanalítica nas instituições procura produzir um efeito no campo discursivo e um confronto nas “(...) repetições que fogem o domínio da consciência, mas capturam o sujeito em circuitos afetivos e políticos reprodutores de relações de dominação” (Jucá, 2021). Portanto, o uso da palavra como modo de chacoalhar pensamentos que se mostram cristalizados e enrijecidos para os sujeitos.

### **Local e participantes da pesquisa**

O grupo de pesquisa, em reuniões para decisão do campo, considerou algumas escolas próximas à Universidade e, inclusive, o cursinho pré-vestibular ao lado do campus, dirigido pelos alunos do curso de História da UFC. No entanto, apesar dos convites, não houve adesão do grupo. Desse modo, pela experiência anterior da orientadora com o CCBJ localizado no Bom Jardim, realizamos o convite à Escola Eudes Vera que já possui parceria com outros projetos da Psicologia UFC. Depois de todo trâmite com o Comitê de Ética, tanto da Plataforma Brasil, como da própria Secretaria de Educação do Estado, conseguimos o parecer positivo para iniciar as intervenções em campo.

Desse modo, a pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino médio situada no Grande Bom Jardim na cidade de Fortaleza-CE. O Grande Bom Jardim é formado por cinco bairros, sendo eles: Siqueira, Canindezinho, Bom Jardim, Granja Portugal e Granja Lisboa. Este território é marcado por situações de violência armada, precarização dos acessos e, conseqüentemente, acometido pela instauração da necropolítica. No entanto, nos últimos anos, as juventudes do Grande Bom Jardim também têm se destacado nas organizações de coletivos artísticos e outras articulações políticas e culturais, como por exemplo o Festival das Juventudes que tem ido de encontro aos discursos que descrevem o território de modo reducionista e estigmatizado a partir da violência.

A escolha do campo é justificada pelo vínculo anterior que o Programa de Pós-Graduação em Psicologia já mantém com a escola, bem como com a proximidade do grupo de estudo da orientadora. Desse modo, a escola escolhida para acontecer as intervenções, segundo o censo do INEP de 2023, conta com 1141 matrículas e 46 professores e tem turmas no turno da manhã, tarde e noite. Dessa forma, foram realizados 08 (oito) encontros de conversação com alunos do ensino médio, ocorrendo quinzenalmente a cada terça-feira à tarde. A programação destes encontros foi naturalmente alinhada com o calendário acadêmico da escola. No ano de 2025, enquanto grupo, retornamos a escola para devolutiva ao campo, com os professores e alunos, participando da agenda semanal pedagógica do início do ano, com a participação, também, na “Semana Janaína Dutra”, trazendo discussões acerca da sexualidade e do combate à transfobia, e além disso, realizando constantes reuniões com um Grupo de Trabalho formado por adolescentes que estiveram participando das conversações de 2024 para que eles integrassem nosso grupo de pesquisa. Foi um ano de intenso trabalho, no entanto, as conversações do ano de 2025 não

entraram no rol da dissertação por uma questão de logística para construção da escrita, no entanto, as percepções e vivências agregam na construção de cada capítulo.

O Grupo de Trabalho trouxe inicialmente uma contribuição importante para construção da próxima rodada de conversações, eles explicaram que não era ideal nomear o espaço com palavras que remetam o campo da saúde mental ou roda de conversa, porque os adolescentes entendem como algo estigmatizado, e, então propuseram o seguinte nome: “Na cabeça da gente: Falando o que se sente”, o que nada mais é do que o convite que Freud realiza quando convoca que é necessário falar o que vier a cabeça.

O número de alunos participantes da primeira rodada de conversações foi de 10-15 alunos por grupo de conversação, oscilando para mais e menos. Optamos<sup>2</sup> por utilizar um formulário de inscrição com vagas para que fossem realizados dois grupos por tarde. Privilegiamos a ideia do formulário por entender a importância da constituição de um grupo heterogêneo que não visasse à criação de pequenos grupos dentro do grupo, visto que “os efeitos de massa gerados por um grupo são sustentados pela identificação” (diabéticos, mulheres, idosos...) - “tendem ao efeito entrópico e à disciplina”. Já os grupos formados em torno de transferências ou demandas, apesar de também se constituírem a partir de algo em comum, formam-se fundamentados em agenciamentos contingentes” (Sato et al., 2017, p.489)

Em termos de materiais necessários, especificamente, para as conversações, foram necessárias apenas carteiras e um espaço designado fornecido pela escola. Materiais de fins pedagógicos, como cartolina, folhas de ofício e lápis foram de responsabilidade do grupo de pesquisa.

Os critérios de inclusão do grupo foi ser um estudante na escola e ter entre 15 e 17 anos. Como critério de exclusão encontram-se alunos que não atinjam ou ultrapassem essa faixa etária.

---

<sup>2</sup> Em alguns trechos, principalmente naqueles que se referem ao trabalho em campo, escolho usar a forma verbal na primeira pessoa do plural, em virtude de que foi um trabalho feito ativamente com o grupo de pesquisa.

Junto ao projeto guarda-chuva citado anteriormente foi disponibilizado a escuta através do plantão psicológico para aqueles que, durante a conversação tiveram questões mais delicadas despertadas.

### **Dispositivo metodológico<sup>3</sup> e análise dos dados**

A pesquisa foi feita utilizando o método da conversação. A origem dessa prática no campo da psicanálise surge no Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Infância (CIEN).<sup>4</sup> No Brasil, a prática da conversação é efetivada também por alguns núcleos com produção relevante na área, como por exemplo, o Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (LEPSI-USP/UFGM); o Núcleo Interdisciplinar em Psicanálise e Educação (NIPSE- FaE/UFGM); Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância e Adolescência (NEPEIA - UFRGS).

A nomeação de conversação, por vezes, é entendida como o ato de duas ou mais pessoas conversando o que provoca um mal-entendido quando se refere a prática metodológica. Na produção do artigo do mestrado, requisito para obtenção do título, esse impasse apareceu ao adicionar essa palavra como descritor, as bases de dados, direcionam o resultado para esse outro tipo de conversação, que não deriva de um trabalho ancorado na psicanálise. É importante salientar que a nomenclatura dessa prática como conversação parece tratar de uma escolha epistemológica. Nas publicações de intervenções mais recentes, temos vistos pesquisadores com bastante experiência no campo da psicanálise e intervenção escolar, situando suas práticas como

---

<sup>3</sup> Parte desse tópico foi escrito com base em um artigo produzido durante o período do mestrado, como pré-requisito para finalização das obrigações do mestrado. Essa produção encontra-se submetida na revista *DesIdades*, revista da infância, adolescência e juventude, embora ainda não tenha iniciado análise para editora. Desse modo o esforço se deu no fato de compreender o que estava sendo produzido no âmbito acadêmico em torno do dispositivo de intervenção da conversação. Dessa forma, foram utilizados artigos com as seguintes restrições: serem publicações de revistas científicas e se tratar da aplicação dentro do contexto escolar.

<sup>4</sup> É importante considerar que no CIEN havia uma lógica de discussão interdisciplinar do caso, logo após as conversações. Já na prática com as pesquisas acadêmicas temos apostado em outros modos de conduzir esse trabalho.

roda de conversa (Sena et al., 2024) e dispositivo clinicopolítico (Coutinho, 2024). Ambas referências têm em comum o fato de atuarem em escolas com adolescentes, trabalhar com associação livre coletivizada e com a premissa de deixar-se ensinar com o grupo.

Essa crítica nos serve à medida que pensamos como que comunica-se à escola e aos adolescentes do que se trata essa prática que estamos propondo. Para além disso, quando se escolhe a conversação como objeto de pesquisa desta dissertação não se trata de exaltar uma técnica, não se trata de privilegiar somente essa ferramenta, mas em contribuir para pensar formas de habitar o território escolar que não seja por uma via individualista e homogeneizante, principalmente em contextos de conflitos socioeconômicos.

Nesse sentido, em um momento de finalização de um ciclo de conversações os adolescentes comentam sobre como é estranho iniciar querendo falar sobre um determinado assunto e terminar com algo totalmente diferente. “Os adolescentes se surpreendem com a própria fala e com o que produzem: “É um papo que cada um dá sua opinião, tipo falar mesmo.” Ou: “Todo assunto que você fala, quando vê, já virou outra coisa. Não sei como isso acontece, mas acontece” (Berni et al., 2023, p.177).

As conversações que ocorrem no contexto brasileiro em espaços escolares tendem a seguir uma tríade de ensino-saúde-educação, articulando-se às políticas públicas e a integração da universidade dentro da comunidade. Em virtude disso, também identifiquei que as conversações exploram atravessadores sociais como produtores de sofrimento psíquico, como a desigualdade, a precarização da educação e o racismo, além das violências urbanas e de gênero. (Jucá, 2020; Batista e Neves, 2021; Dutra Viola et al, 2020).

Então, do que se trata mesmo essa ferramenta da conversação psicanalítica? Se o método psicanalítico pretende elevar o significante a sua radicalidade, chacoalhando o que impregna o

sujeito de sentidos fechados, nos interessamos mais pelas questões, do que pelas respostas (Guerra, 2001). Assim, entendemos que na conversação a operação com a palavra acontece por meio do movimento ressonante da cadeia significativa. Em consonância com Laurent (2017), apostamos que aconteça um tensionamento nas nomenclaturas e rótulos que, por vezes, limitam a experiência de vida dos sujeitos adolescentes.

Observei, também que duas definições são prevalentes na descrição desse dispositivo ( Arreguy e Coutinho, 2015; Coelho, et al., 2023), são elas:

(...) Uma situação de associação livre, se ela é exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama outro significante, não sendo tão importante quem o produz no momento dado. Se confiamos na cadeia de significantes, vários participam do mesmo. Pelo menos é a ficção da conversação: produzir - não uma enunciação coletiva - senão uma associação livre coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão idéias, me ajudam e, finalmente, resulta - às vezes - algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas (Miller, 2005, p. 15-16).

O que as conversações propõem é "destravar as identificações", isto é, no trabalho desenvolvido a palavra pode mostrar aos sujeitos que ali se encontram aquilo pelo qual estão tomados e, quem sabe, apostar que podem livrar-se do gozo em que estão aprisionados (violento, fracassado, vagabundo). (Miranda, 2006).

De fato, as duas contribuições nos revelam direcionamentos clínicos didáticos para conduzir intervenções. A associação livre coletivizada acontece quando não há um direcionamento para a fala dado pelo pesquisador, ou seja, não há um lugar específico para se chegar, por isso, não tem

como finalidade a produção de uma enunciação coletiva. Pelo contrário, a pluralização das diferentes perspectivas acerca de uma fala, localiza diante das conversações um lugar para alteridade.

Apesar de não se objetivar uma enunciação coletiva, é possível afirmar que o fato de ocupar a escola por essa via de um saber que não é o do mestre totalizante, provoca um efeito institucional. Haja vista, ao oferecermos a psicanálise em uma instituição, oferta-se um dispositivo (Macedo, 2011) clínicopolítico (Coutinho, 2023). Fizemos um convite para que os adolescentes expressem o que vem à cabeça e escutamos o que transpõe a queixa. Um exemplo disso, foi o momento na semana pedagógica com os professores em que eles conseguiram, mesmo que em um breve espaço, tiveram um lugar para suas angústias e contribuir com as conversações, além de propor articulação com outros equipamentos de promoção de saúde mental na escola.

Sabemos que existe um método psicanalítico e seus diferentes manejos para as particularidades, deve-se preservar o método, levando em conta elementos fundantes como a associação livre, o desejo do analista, a transferência e a identificação das formações do inconsciente, como os sonhos, os lapsos e os chistes. Dessa forma, a conversação atua como uma ferramenta do método psicanalítico que é ao mesmo tempo, teoria, técnica e método de investigação (Guerra, 2001). Ainda, a via que esse instrumento deve operar em situações com adolescentes carece do movimento de redirecionar a demanda de “escute o que nós temos a dizer” para “escute isso que vocês dizem!” (Pinto e Santiago, 2012, p.85).

Desse modo, para explicar como ocorre a Conversação, Santiago (2009) propõe que comece promovendo a oferta da palavra. Nesse sentido, a função da mediadora é de não deixar a palavra, paralisar, fazer uma forçagem na circulação. A fase subsequente de conversações é dedicada à

circulação da palavra em torno do mal-estar presente, sendo responsabilidade do pesquisador destacar as formações do inconsciente e realizar uma escuta sensível. Com o terceiro ponto, é possível que haja um deslizamento na forma de que o sujeito se refere ao seu mal-estar, podendo, assim, nomear com uma narrativa própria.

Isso justifica a hipótese que as conversações podem auxiliar ao sujeito deslocamento de um dizer assujeitado a nosologia universal para uma nomeação singular do seu mal-estar, pois, quando o sujeito tece um dizer em nome próprio do seu sofrimento, faz com que ele fale sobre o sofrimento e, não o sofrimento o defina. Portanto, um aspecto importante a enfatizar é que esta intervenção, facilitada por meio das conversações, pode fazer surgir a possibilidade de questionar os pontos fixos de um modo que resgate o potencial criativo de o sujeito narrar seu sofrimento. Desse modo a associação livre coletiva denota que,

(...) se converse livremente sobre temas de interesse comum, com o objetivo de permitir a emergência de novas e/ou diferentes construções em torno do que está sendo abordado. Não se limita ao simples exercício da fala. Não se trata de propor um projeto terapêutico. O dispositivo é simples, mas, contudo, exigente: estas conversações são uma “oferta da palavra que traz consequências”. A aposta é de sustentar a posição de não-saber. (Pinto e Santiago, 2012, p.85).

Outro aspecto a ser considerado serão as ficções coletivas que surgem na conversação. Segundo Berni et al (2023, p. 178), “(...) as ficções coletivas tocam o inconsciente de cada sujeito que, por sua vez, se organiza em termos de discurso”. Em outras palavras, conforme um significante puxa outro significante forma-se um movimento de ressonância na cadeia significante, em que gradualmente se constrói um sentido para os temas discutidos. Desta forma,

uma das repercussões da conversação é o deslocamento de uma posição de objetificação do adolescente à uma emergência do sujeito.

Desse modo, a execução do trabalho clinicopolítico exige que o pesquisador esteja atento ao campo institucional, fazendo uma leitura ampla de todo território escolar.

Esse trecho do texto trabalhado, faz alusão aos desafios institucionais encontrados na escola para se fazer operar um dispositivo clínico-político. A escola é investida por um discurso pedagógico e pelo discurso do mestre, leia-se como as orientações políticas e institucionais advindas dos órgãos responsáveis, nesse caso a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará. Então, o território escolar é composto por exigências por resultados e metas a serem alcançadas, a fim de consolidar a escola como uma “Escola nota 10”, recebendo mais incentivos e premiações correspondentes. Assim, ao chegarmos na escola para apresentar a proposta, notamos que a gestão estava envolvida em transformar a escola em uma instituição de referência, uma vez que os estereótipos das escolas de zonas periféricas já são marcados por discursos negativos. E, por conta disso, um manejo importante foi estar junto no território, na semana pedagógica, para esclarecer que nós estávamos ali para compor, auxiliar e também era importante deixar os furos da instituição chegar até o grupo. Esse manejo foi importante para construção do nosso lugar enquanto pesquisadores na instituição, nos quais também são investidos pelo signo da universidade.

Outro ponto importante no que se refere a pesquisa participativa com adolescentes no contexto escolar são as dimensões da atuação em grupos, bem como a manutenção do trabalho junto com os adolescentes. A posição que ocupamos trata-se de uma relação assimétrica desde quando entramos no ambiente escolar, no entanto, é preciso que haja um esforço contínuo para tornar essa relação mais simétrica possível, mas sem apagar as diferenças que compõem a

heterogeneidade do grupo. Para isso, a supervisão e os grupos de estudos se tornam um ambiente propício para nos advertimos da posição que ocupamos nos grupos enquanto pesquisadores. É a nossa condição enquanto pesquisadores com outros marcadores sociais (idade, raça, classe, gênero) que atravessam a própria pesquisa.

Essa condição faz parte para que aconteça a pesquisa-intervenção, seguindo as premissas de um trabalho construído junto aos adolescentes. Nesse sentido, Santos e Carneiro (2021) aludem que a pesquisa *com* adolescentes é complexa e nem sempre ocorre, mesmo que o intuito seja esse, uma vez que a pesquisa segue ambivalência: institucional e de campo, em que há de se manter um tom vigilante e questionador para que não sejamos mais um dispositivo de opressão. Assim,

“A escuta na pesquisa participativa passa pelo desejo interessado no outro, por uma espécie de descentramento de nossas posições originárias, pela possibilidade de deixar cair o cumprimento dedicado e exemplar do nosso papel, por um percurso de “caminhar junto” com sujeito que está dizendo e, também, uma não antecipação de sentido a partir do que está sendo dito” (Santos e Carneiro, 2021, p.180)

Por outro lado, pensando nos aspectos da construção de trabalhos com grupo a partir da psicanálise, historicamente as políticas de assistência social e saúde tem priorizado a incorporação de dispositivos grupais que facilitam a efetivação das propostas. No Brasil, tais práticas são incentivadas por meio de algumas políticas públicas que incentivam o trabalho em grupo no contexto da saúde e da assistência social. Diante desse contexto, Sato et al (2017) desenvolve críticas ao efeito “*fast-group*”<sup>5</sup> que, por vezes, toma o escopo dos grupos. No sentido

---

<sup>5</sup> Alusão ao termo “fast-food” para designar o grupo como algo que ocorre de modo automatizado.

que, ao tentar dar conta dessa expectativa criada, o real objetivo do grupo fica suprimido.

Portanto, ao autor argumenta:

“Escutamos nesse cenário o significativo mal-estar dos profissionais frente aos grupos e ao que eles trazem de imprevisível e como esses profissionais buscam apaziguar a própria angústia, preenchendo o espaço grupal com informações, técnicas e dinâmicas, na tentativa de controlar o incontrolável. Somam-se a essa angústia, dúvidas e desconhecimento dos profissionais sobre referenciais teóricos que poderiam nortear uma direção ética para essas práticas, o que faz com que aqueles que coordenam atividades grupais sintam-se despreparados para escutar e direcionar as falas que surgem nesse espaço, dificultando conceber o grupo como um dispositivo potente. Como consequência desse movimento de angústia e tentativa de obturação, muitos grupos esvaziam-se ou não chegam sequer a se constituir como grupo: os participantes saem do grupo ou se calam, esvaziando-se do grupo ao ir apenas para assinar a sua ficha de participação.”(Sato et al., 2017, p.487)

A priorização dessas metodologias participativas em grupo exige um tempo para a instauração de uma transferência e construção de uma questão/enigma a partir da qual os sujeitos se implicam a trabalhar no grupo e, portanto, pode ir de encontro às premissas de produtividade das instituições. Dessa forma, todas as nuances citadas fazem parte da construção de um método para pesquisa em psicanálise e para guiar a produção de conhecimento em torno da articulação entre psicanálise e educação.

### **A transferência**

Para a psicanálise a transferência é considerada como o motor do processo analítico. Desde Freud, esse é um conceito que tem sido postulado como um pilar importante para que o

sujeito do inconsciente emerja. A transferência, assim, é um processo de repetição em que a forma em que o sujeito se relaciona com o Outro é atualizado na relação com o analista. Freud (1912/2010) argumentava que a transferência deste material psíquico se relacionava com uma reprodução de imagens infantis construídas na fantasia. Além disso, da mesma forma que a transferência pode surgir como uma mola propulsora da análise, também pode ter seu aspecto de resistência.

Sendo assim, a transferência é tomada como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise para Lacan (1964/1985). Na obra lacaniana, o autor avança na discussão articulando o amor e a transferência a partir da metáfora do Banquete de Platão, portanto, se Lacan (2010 [1960-1961], p. 435) afirma que “o amor é dá aquilo que não se tem (...)”, então, o amor transferencial vem a partir do momento que instaura a falta e o vazio. Essa noção, pode ser articulada com o que foi explicado acerca da histericização do discurso, ou seja, a instalação de um enigma na escuta. O que pretende com isso é que o sujeito possa avançar da demanda do amor para uma inscrição no campo do desejo. Ainda nessa discussão, é na erosão do significado que o sujeito emerge (Lacan, 1953/1998). Portanto, a proposta é que não seja feita escuta, interpretação de sentido e de sintoma singular, mas de propor uma oferta de palavras. Dessa forma,

“O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos está em interação com a teoria, produzindo o objeto de pesquisa, não dado *a priori*, mas produzido na e pela transferência”. (Berni et al., 2023, p.178)

Guerra (2022) questiona qual a dimensão da transferência em uma localização geopolítica do Sul-global, tentando extrair seu aspecto quando coloca em perspectiva o decolonial. A autora aponta que a escuta localizada geopoliticamente se distancia de reforços identitários, pretende nesse contexto, dismantlar estruturas hierárquicas dominantes e violências geracionais. Sendo assim, a escuta psicanalítica, portanto, é um trabalho com a palavra, em que o mal-estar é escutado e não classificado e rotulado.

Compreendendo que,

“Uma psicanálise não implica um processo educativo em seu interior. Não se trata de acumular conhecimento, de reeducar e fortalecer defesas, de apoiar-se numa lógica de moldagem. Na direção contrária, o processo analítico implica em uma separação do Outro e em um confronto com o limite do saber como forçado pela imposição da experiência da verdade, a partir dos limites engendrados pela castração e pela linguagem” (Guerra et al., 2022, p.57)

### **Os desafios do método**

Nesse tópico optei por esclarecer alguns desafios que surgiram na execução da ferramenta metodológica da conversação. Esse é um trabalho importante de ser registrado porque contribui diretamente para o melhor desempenho do dispositivo em outros contextos e em outras pesquisas. Sendo assim, no primeiro grupo, não havia continuidade do mesmo número de participantes, a cada conversação surgia um novo integrante, mas algumas pessoas iniciais ainda eram mantidas, isso é negativo por um lado, em que chega uma nova pessoa para explicar como funciona, conhecer os outros integrantes e etc, mas pelo outro facilitou a disseminação do nosso grupo na escola. Isso traduz muito o momento do campo, do nosso próprio Instante de Ver (Lacan, 1998). Já no grupo realizado em 2025 houve um outro momento, Momento de

Compreender, as conversações seguiam com as mesmas participantes, tornando-se mais arejado, bem como já havíamos consolidado um espaço dentro da instituição e entre os adolescentes, principalmente, com a criação do Grupo de Trabalho.

Com base nisso, fazendo uma contextualização com o texto lacaniano para explicar os termos citados acima, em O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, Lacan (1998) sustenta, por meio do paradoxo lógico dos três prisioneiros que estão em busca da libertação, a tese de que o tempo do sujeito do inconsciente é um tempo lógico e não cronológico. Assim, ele estrutura o Instante de Ver, o Momento de Compreender e o Tempo de Concluir. O primeiro diz respeito ao “(...) valor instantâneo de sua evidência e seu tempo de fulguração (...) seria igual a zero” (Lacan, 1998, p. 204). Já o momento de compreender ocorre quando o sujeito vai além do que foi dito, revelando o que estava implícito na demanda inicial e sua implicação pessoal na enunciação. Por fim, o tempo de concluir é para Lacan, uma asserção antecipada sobre si que se dá em ato.

O instante de ver uma conversação é privilegiado e determinante para os momentos posteriores. Santiago (2009) explica que é preciso que haja uma construção da demanda da escola. No entanto, entendemos junto com Rosa (2023) que a promoção de saúde mental de modo não estandardizado, também se mostra como pilar para pensar a expansão da ferramenta da conversação dentro do contexto educacional com adolescentes. Assim, nesta pesquisa em específico, não houve uma demanda anterior da escola. O instante de ver, ainda, pode ser caracterizado pela própria construção do grupo, orientações de pesquisa, leituras de texto e organização dos momentos, da ida à escola. Todos esses fatores se mostram relevantes na construção da ferramenta metodológica.

É importante salientar que o tempo lógico não acontece de forma engessada, um *e* outro, acontece um *com* o outro. Por isso, a presença do pesquisador deve passar por uma implicação no trabalho. Existem momentos de manejo que precisam ser olhados com cuidado visto que a escuta psicanalítica com grupos é uma prática complexa. A supervisão e a própria análise se mostram como pilares sustentadores.

Um exemplo de uma conversação que não foi compreendida como uma intervenção que seguiu os pilares destacados aqui como caracterização de uma conversação psicanalítica, foi em um dos encontros onde só duas pessoas participaram, sendo elas melhores amigas, conseqüentemente, convivendo muito juntas. Apesar do manejo dos pesquisadores nessa situação delicada, essa situação demonstrou ser um limite para a inserção da prática, uma vez que como as duas estavam restritas às suas experiências, não foi possível fazer deslizar na cadeia significativa do grupo, já que se tratava apenas de uma dupla. Nessa situação, fizemos a escuta das questões que perpassa as duas para manter firme nossa presença dentro da escola.

Além disso, outro ponto que pode ser acrescentado e pensado na execução dessa ferramenta é a quantidade de pesquisadores e a quantidade de participantes. O ideal é que tenha mais participantes do que pesquisadores para que não seja construída uma barreira entre eles/nós, inclusive, fisicamente na roda, é preciso que seja uma quantidade equilibrada. Ademais, o grupo apresentava pesquisadores de diversos nichos e compreendia que estávamos no instante de ver da pesquisa, todos os pesquisadores ficavam responsáveis por fazer a palavra circular. De acordo com a experiência, penso que a ferramenta da conversação pode funcionar melhor se houver uma distribuição de tarefas, por exemplo, um pesquisador responsável por anotar os significantes mestre, outro na escuta e na intervenção, outro na parte mais logística, e, a partir disso, ir fazendo rodadas, para que a escuta seja privilegiada.

De acordo com o que foi explorado, o mais importante na construção de ações de escuta dentro do contexto escolar é a construção conjunta com os adolescentes, sem projetos e propostas já acabadas e definidas. Em seu lugar, vale investir em construir junto toda a intervenção, desde o momento da inscrição, até a escolha do nome do grupo e as escolhas por horários.

### **Elementos éticos**

Como mencionado anteriormente a proposta em questão faz parte do projeto guarda chuva: *Sobre nós: Adolescências, Territórios e Saúde Mental*, logo os trâmites éticos foram executados de forma articulada. Sendo assim, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética tendo como número de deliberação da pesquisa CAAE: 87793324.1.0000.5054. Como requisito do próprio Comitê de Ética, seguimos o protocolo de ética quanto aos Termos de Anuência, o Termo de Concordância dos Pesquisadores e o Termo de Consentimento Livre e Informado.

Além dos processos éticos burocráticos exigidos, reforçamos o compromisso ético do grupo de pesquisadores a cada encontro de conversação, para que os estudantes tenham ali na escola um lugar na qual eles se sintam seguros para falar e ao mesmo tempo não passem a imaginar que são objetos de uma pesquisa acadêmica somente. Nessa mesma esteira, ao fim do ciclo de conversações fizemos uma devolutiva tanto para os estudantes, quanto para os professores, haja vista entendemos a necessidade de reforçar os vínculos institucionais para que as portas da escola e da Universidade estejam abertas.

### **Adolescência, Psicanálise e Educação: Uma contextualização do espaço em que a conversação foi inserida**

*(C): eu acho que os medos dos adolescentes se interligam muito pelo medo do futuro e de mudar, porque o medo do adolescente é: 'será que eu*

*vou ter alguma coisa no futuro? será que eu vou conseguir ter amizades? Vou mudar meu ciclo de amizades? eu vou conseguir ter um ciclo melhor? será que eu vou conseguir mudar?’. Eu acho que se baseia muito nisso porque quando a gente é adolescentes a gente pensa: ‘não, eu tenho que fazer curso, eu tenho que fazer academia, eu tenho que fazer isso, eu ler isso, eu tenho que ser mais prazer na família eu tenho que trabalhar eu tenho que estudar, eu tenho que mudar, tenho que fazer um monte de coisa’. porque a gente tem medo de quando a gente completar os 18, 19 anos a gente ficar sem rumo, sem ter pra onde ir, sem ter o que fazer, sem ter uma preparação. Eu acho que é muito isso.*

### **Adolescência como Fenômeno Sócio-Histórico**

No contexto histórico, o corpo adolescente foi tratado como um corpo a ser civilizado e, muitas vezes, moldado, a fim de servir a determinados padrões sociais. No Brasil e em alguns países do sul global, marcados pela mácula do colonialismo, o cenário é arraigado de outras diversas questões e é imprescindível ressaltá-las. Andrea Guerra (2025) escreve a partir do ponto de vista de supervisora de uma conversação psicanalítica do PSILACS que acontece por meio do programa “Já é”, ela sustenta o argumento de que a colonialidade marca o laço social pela via do discurso, ou seja, esse que está estruturado e enlaça o sujeito por viés intrínseco ao laço. Desse modo, retomo o conceito de adolescências plurais<sup>6</sup> e considero o atravessamento inconsciente deixado pelas marcas do colonialismo como uma das particularidades dos adolescentes no Sul-global.

---

<sup>6</sup> Termo utilizado pela Prof.Dra. Andrea Guerra em uma discussão do café filosófico, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LUPJtX3L2NY>

A literatura tem o seu caráter de, na crueza da letra, ensinar sobre a escuta clínica. E a partir disso, para trazer essa caracterização, amparo-me na literatura latino-americana que ensina sobre as vivências das adolescências. Inicialmente, o livro *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), em que é narrada a passagem singular da mudança corporal e subjetiva de Kehinde, onde uma menina é capturada na África para ser vendida como escrava no Brasil e um livro de história e uma travessia importante não só para uma outra representação da escravização no Brasil, como de reflexão crucial para branquitude. Outro exemplo, é *O parque das irmãs magníficas* de Camila Sosa Villada, a travessia dessa vez é a de uma adolescente transgênero e as violências físicas, psíquicas e estruturais que ela passa. Já no livro *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade (1987), é retratado como se deu o processo de inserção na vida sexual adulta de um menino da classe alta branca paulistana, de 1920. Por último, o livro do baiano Jorge Amado, *Capitães de Areia* (2009), que trata do cotidiano dos meninos em situação de rua na cidade de Salvador

Mobilizada por esse contexto literário, também passei a me questionar: Como apresentar de uma forma criativa a adolescência no contexto brasileiro? Como as juventudes latino-americanas têm sido retratadas? Em filmes norte-americanos, nos quais, já existe a questão de privilégio na disseminação de uma cultura cinematográfica brasileira, os adolescentes são estigmatizados a partir dos estereótipos do aluno que se identifica com esportes, outro que é *nerd*, conseqüentemente, excluído do grupo popular e, também, o ideal de quando jovem realizar um ano sabático, buscando se auto descobrir.

Uma realidade que, apesar de conter o traço da ficção, vai de encontro ao que se observa com os adolescentes que foram escutados, por isso, há uma dissonância do que se consome enquanto cultura e o que se vive, não só em relação aos filmes, mas também ao consumo de conteúdos de

influencer digitais. Com as conversações, apareceu que o encontro com este real que Lacan postula, acontece de modo bem menos interessante, muitas vezes, estes adolescentes são inseridos em cenas de violência doméstica, insegurança alimentar/financeira, hipersexualização e violência urbana. Além da experiência dessa pesquisa, verifica-se tal fato através dos depoimentos, por exemplo, das crianças e adolescentes que compuseram o livro *Eu devia estar na escola*, na qual ocupa-se de registrar sob as lentes deles mesmo, a realidade da violência extrema em zonas como o complexo da Maré (Luz; Malzoni, 2024).

Nesse sentido, as estratégias se tornam urgentes para compreender que na adolescência parece haver uma fragilização do simbólico em função do real que aparece no corpo, nas relações e na linguagem. É visível nesse momento, a soberania do ato, demonstrado por exemplo, pelas inscrições do estilo próprio através das roupas, cortes de cabelo e traços que definem seu lugar de pertencimento ou não.

Além disso, partindo para uma visão cultural desse período, a adolescência opera como reflexo das questões sociais e culturais de uma época, nos adverte do que está sendo discutido, quais as direções que o mundo tem seguido, seja nas visões estéticas, seja na política. Desse modo, ao trabalhar com adolescentes todos os dias (trabalho na pesquisa, com escolas e na clínica) prevalece uma sensação de observar o movimento que o mundo tá fazendo através destes olhos grandes e curiosos do adolescente.

Percebo, em um trabalho que acontece ao vivo, que o caminho do manejo realmente, se faz caminhando. Assim, é por isso que o trabalho em escolas e com esse público pode se referir na forma de gerúndio, ou seja, não há como definir um saber sobre os adolescentes, constrói-se com eles, os observando e os escutando, se aprende sobre a cultura pela boca e pelos atos dos adolescentes, é disso que se trata a pesquisa-intervenção, com os adolescentes.

Le Breton (2017), em *Uma breve história da adolescência*, é uma referência pertinente à discussão. O autor aborda a problemática dos rituais de passagem que na modernidade tem sido uma tarefa cada vez mais individualizada, o que tende a suprimir a dimensão coletiva dessa passagem. Além disso, ele argumenta que a entrada ou não na universidade, e até o desemprego tem sido uma das portas de entrada da adolescência (Le Breton, 2017), essa perspectiva se faz consonante com o que observou-se nas conversações, por meio de representações de *medo do futuro, de não ser nada*, ou a insistência em afirmarem que são apenas crianças.

Por outro lado, pensando no âmbito do psiquismo, entende-se que o adolescente é aquele que coloca uma questão, para família, para sociedade, para escola, para si mesmo. Por isso, a adolescência a depender de como se constitui e da época, foi pivô de muitas mudanças sociais. Sendo assim, o adolescente coloca uma questão na escola, no saber do Outro. Essa questão frequentemente pode ser vinculada a um ato de entrar e sair de cena de uma forma muito inconstante e rápida.

Seguindo nessa linha, Rosa e Carmo-Huerta (2020) discutem que o período da adolescência é considerado como um esforço intenso psíquico e que o sujeito se vê diante de três grandes questões, a primeira o que o singulariza no mundo, o laço com a alteridade e qual posição no laço social. Fazendo analogia ao despertar da primavera, texto que Lacan escreve como prefácio da peça do dramaturgo Wedekind, as autoras explicam que é o despertar é associado à dimensão biológica, no entanto, trabalha-se o lado discursivo disto. tudo isso perpassa o contexto sociopolítico em que o adolescente está inserido

Abordando agora a temática pelo prisma do que observamos atualmente em diálogo com o campo social, visto que o corpo do adolescente é atravessado por cada época, Calazans e Cardoso (2020) argumentam que o avanço do neoliberalismo afeta a vivência adolescente em

três aspectos: a juventude como *gadget*, a medicalização e a criminalização. O primeiro, é entendido, a partir da noção de juventude como um objeto, na qual deposita no corpo jovem o ideal de saúde, bem estar, *enhancement* (performance) e etc. Em si existem todas as possibilidades do mundo, como se o sistema permitisse a todos as mesmas condições de conquistas e oportunidades. Um exemplo é o próprio fluxo de conteúdos a serem consumidos nas redes sociais, em que vendem, por meio da imagem, não só produtos, mas *lifestyles* que não condizem com a concretude das condições de vida. Esse também foi um dos temas que surgiram diante das conversações, encorpados em nomes como “pessoas padrões”, sendo tal articulação melhor desenvolvida no capítulo três.

Um outro aspecto dessa dimensão que é exposta pelas autoras citadas anteriormente, conversa diretamente com a proposta dessa pesquisa. Desse modo, identifica-se que “Essa construção da adolescência enquanto um *gadget* a ser consumido envolve um processo de obturação subjetiva que desqualifica o sintoma em seu aspecto singular, planificando o sujeito a uma identidade capitalizável, objetalizável” (Calazans e Cardoso, 2020, p. 45).

Já o segundo tópico pode ser visto um movimento mais amplo que é o de medicalização da vida, na qual é uma temática em que muitos pesquisadores vêm se debruçando sobre e está articulado diretamente com o primeiro ponto, da adolescência como *gadget*. Assim, percebe-se que a semântica que é usada para se referir não só ao mal-estar, mas às nomeações para a vida com o outro e consigo está capturada por uma normatização, uma planificação das palavras e das experiências. Por esse viés, entra a discussão acerca da performance e da financeirização da vida, relacionados a práticas hiper-produtivas e a associação da vida com uma empresa, não obstante é comum a transformação do léxico para a língua estadunidense, bem como tem sido feita em processos corporativos. Na medida em que passamos a chamar uma ligação de *call*<sup>7</sup> e

---

<sup>7</sup> Call: Ligação; Brainstorm: Chuva de ideias; FOMO (Fear of missing out): Medo de perder algo; People Pleaser: A

uma chuva de ideias de *brainstorm*, também se massifica expressões como *FOMO* (Fear of missing out) e *people pleaser*.

Pensando do ponto de vista econômico, entendemos que as problemáticas quanto à performance e a expansão dos diagnósticos nosográficos ocupam outro lugar em pessoas que são de classes altas. Os adolescentes moradores de periferias, pobres, negros, sofrem além da medicalização da existência, com a criminalização da juventude, é o que afirma Calazans e Cardoso (2020). Para os autores, é nesse impasse que surge a antítese de, enquanto que o neoliberalismo preconiza que o estado deve ser mínimo no âmbito político e econômico, deve ser máximo para penalização deste excedente, destes considerados perigosos e inúteis. Tal fenômeno está relacionado ao próprio conceito de necropolítica do Mbembe (2018), em que há uma conjuntura que define aqueles que devem viver, os que devem sobreviver e aqueles que devem ser eliminados.

### **Leituras Psicanalíticas Acerca da Adolescência**

O desenvolvimento natural da vida é apreendido pela sequência tripla, nascer-crescer-morrer ou criança-adulto-idoso. No entanto, há nessa travessia de fases um momento importante de passagem, que é a adolescência. Esse período é caracterizado por uma época da vida do sujeito em que não é reconhecido como uma criança e nem encaixa-se nos requisitos para ser adulto. Quanto à delimitação do que chancela esse período está diretamente relacionado ao campo de interesse, seja ciência, política pública ou no âmbito do direito, a adolescência é delimitada pela faixa etária. No entanto, em uma perspectiva dinâmica e ampla, entende-se que a adolescência “depende de uma apreciação cultural infinitamente variável” ( Le Breton, 2017, p. 20).

Em uma concepção psicanalítica, a adolescência pode ser tratada como “um momento de remanejamento simbólico e de redefinição do campo das identificações, em uma passagem da  

---

descrição de uma pessoa que busca constantemente agradar outras pessoas.

vida infantil à adulta que implica numa separação dos pais como imaginarizados” (...) (Coutinho, 2023, p. 35). É a partir dessa ruptura que o adolescente passa a se movimentar em busca de novas referências e de assumir uma outra posição no laço social.

Nos Três Ensaios sobre a Teoria da sexualidade, Freud (1999) destaca a puberdade como esse momento de reconfiguração das pulsões parciais, posicionamento sexual, influência na escolha dos objetos e revivência do complexo de Édipo, bem como o desligamento das autoridades, ou seja a busca por outros laços, que não os familiares. Freud ainda não usava o termo adolescência, mas puberdade, mais comum em sua época e também mais compatível com sua formação de medicina. No entanto, é importante ressaltar que a puberdade trata-se de um *para todos*, em outras palavras, é um fenômeno biológico e de ordem orgânica, enquanto que a adolescência é a subjetivação da puberdade, como se fosse um sintoma da puberdade, é um conceito que surge na humanidade de modo muito recente. Por sua vez, Lacan já pensa a adolescência como esse momento em que o sujeito se depara com o desencontro do sexo e do desamparo, esse encontro com o real. O real como esse encontro com a própria falta em que a linguagem não dá conta. (Rosa e Carmo-Huerta, 2020)

Em consonância com os estudos apresentados, Miller (2005) explica que as relações nesse período podem se fazer por meio de um modo sintomático. Esse entendimento introduz a discussão sobre grupos e identificações. O método trabalhado, como será explicado no capítulo de método, parte do pressuposto em que não se busca fazer grupo a partir de determinado nome, causa ou nicho, pretende-se provocar um lugar para a diferença e para o laço com o outro. No entanto, foi possível, ainda assim, que os adolescentes criassem uma troca não só de confiança, mas de amizade com os participantes, mesmo com a diferença estabelecida.

## A articulação da psicanálise e da psicologia dentro do contexto escolar

A psicanálise opera em uma lógica que tem como prioridade o sujeito em sua diferença radical, ou seja, a psicanálise se propõe a escutar o que há de singular no modo de gozar e de fazer laço com o outro, sem julgamento moral, considerando o ponto de possível e de impossível de cada um no laço social. Em *Análise terminável e interminável*, Freud (1937/1996) identifica três áreas impossíveis: governar, psicanalisar e educar. Ele está se referindo ao fato de que essas são tarefas nas quais o sucesso não pode ser garantido, ou seja, seus resultados só se tornam evidentes *a posteriori*. Conforme destacado por Mrech (2005), essas tarefas são categorizadas como impossíveis porque há sempre algo que não se encerra, que insiste em escapar.

Assim, é essencial ressaltar como os três conceitos de *impossíveis* introduzidos por Freud se tornaram o ponto de partida para a teoria dos discursos desenvolvida por Jacques Lacan. A ideia central é compreender que a noção de discurso vai além da mera compreensão da sequência de palavras de um indivíduo para outro. Ela desvela o discurso como ordenador das relações de poder inerentes ao laço social. Destarte, Lacan identificou quatro tipos de discursos principais: o discurso do mestre, o discurso da histórica, o discurso universitário e o discurso do analista (Lacan, 1992 [1969-1970]). Nesse contexto, esse projeto parte da perspectiva de que o sujeito em foco é efeito de discursos. Essa premissa será abordada de modo mais aprofundado no capítulo dois desta pesquisa.

Além da noção de discursos que circulam o ambiente escolar, também entendemos com Lacan - a ideia de Outro - a escola como sendo um Outro<sup>8</sup> social, logo possui demandas e metas a serem atingidas por quem a compõe, bem como é marcada pelos sintomas e linguagem própria

---

<sup>8</sup>Ao longo dos estudos de Lacan o conceito de Outro é concebido sob diferentes óticas. Nesse contexto, o Outro se refere a alteridade especular (Roudinesco, 1998) em relação à instituição escolar.

do território onde se situa. Dessa forma, observamos o contexto educacional no Brasil como um locus de manifestação do sofrimento psíquico desses sujeitos, pois nesse espaço os fenômenos decorrentes das angústias subjetivas ganham visibilidade. Assim, é imprescindível refletir sobre como a psicanálise e a psicologia se inserem dentro do contexto educacional.

Há uma distinção que é necessária ser localizada e contextualizada, visto que existem algumas frentes de trabalho: primeiro, o percurso trilhado pela psicologia escolar; segundo, o trabalho com psicanálise dentro do contexto escolar, nas quais podem ser realizados através de extensões, estágios, pesquisas e grupos de estudo. Além disso, existem profissionais que atuam na escola enquanto psicólogos escolares a partir da visão epistemológica e teórica da psicanálise.

Essas três condições se apresentam convocando a refletir sobre qual trabalho está sendo possível diante dessas possibilidades e das condições que determinado contexto pode suscitar. Tal reflexão torna-se importante porque o campo psi como tal, encontra-se em território de disputa, ou seja, há um empuxo a classificar qual visão teórica se adapta melhor ou pior a certo contexto. Desse modo, é preciso realçar a distinção desses campos, a fim de que possamos contribuir para futuras pesquisas, estudos e trabalhos que visem incorporar também a psicanálise dentro dessa disputa, inclusive, nas políticas públicas.

Em 2019 foi promulgada uma lei nacional de nº 13.935/2019 (BRASIL, 2019) declarando a obrigatoriedade de uma equipe multidisciplinar para assistir a escola, com os profissionais da assistência social e psicologia em escolas públicas, . Essa legislação foi motivada pelos ataques que se intensificaram neste ano. Tal fato advém, acredita-se, da necessidade de uma intervenção que seja interdisciplinar nas instituições escolares.

Apesar de ter sido uma lei endossada pela comunidade de profissionais da assistência social (Oliveira e Sousa, 2023), fica claro, que aqui será abordada a partir do prisma da psicologia. É

fundamental questionar como a psicologia pretende ocupar esse espaço, por isso, se faz pertinente promover pesquisas que enfatizem as dimensões metodológicas da parceria entre escola e toda seara que envolve os saberes psi, entre eles, o psicanalítico.

Desde a associação entre a psicologia e a educação, luta-se para estar advertido de que a atuação nesse âmbito não se trata de um dispositivo terapêutico, ou especializado em parâmetros avaliativos e segregadores. É interessante que apesar desta lei circular no debate política desde meados de 2015, somente em 2019 foi levada a frente, salienta-se que o prazo para cumprimento era de um ano após publicação, mas o ano seguinte foi o de pandemia.

No Boletim Técnico “Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas”, (Brasil, 2024) produzido pelas equipes técnicas do Ministério da Educação, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, com cooperação da Unesco de 2024, consta que entre 2001 e 2018, ocorreram 10 ataques totais a escola. Já a partir de 2019, menos 2020 porque as escolas permaneceram fechadas devido o covid-19, todos os anos, foram pelo menos dois ataques por ano, em 2022 e 2023 chegou a ocorrer 10 e 15 episódios de violência extrema nas escolas.

Além dos efeitos das violências intra-escolares, externas e de território, uma outra situação que tem chamado atenção é a forma que as escolas estão se adaptando às transformações para o número crescente de crianças e adolescentes diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Transtorno do Espectro Autista, principalmente. Entre 2023 e 2024 as matrículas foram de 1,8 milhões para 2,1 milhões de alunos com condições específicas para educação inclusiva (Inep, 2024). Essa circunstância tem mobilizado a reprogramação da atuação das escolas e suas políticas inclusivas, como tem implicado, também, o sistema de acesso às políticas públicas. Tais circunstâncias citadas anteriormente corroboram para fomentar as

reflexões acerca das formas nas quais a psicanálise encontra-se para estar dentro do espaço escolar.

Outro fator que se mostra relevante, visto que o campo dessa pesquisa trata-se de uma escola de ensino médio, são os aspectos políticos e econômicos que pairam no último ano da vida escolar regular. Segundo Corti (2019), o ensino médio no Brasil tornou-se massificado nos anos 90, majoritariamente através das escolas públicas, em especial as estaduais. Atualmente, a lei 13.145/2017 (Brasil, 2017 apud Corti, 2019) aprova a reforma do ensino médio, na qual, segundo a autora, é marcada por um fundo neoliberal, essa captura contribui fortemente para que haja um reforço da estratificação classista da população brasileira, reforçando a desigualdade social e a inacessibilidade de acesso a condições dignas de qualidade de vida. De acordo com o exposto, os marcadores do ensino médio, bem como as questões institucionais passaram a também serem fundamentais ao processo de inserção neste campo.

Advertidos desse cenário, entende-se que não compete à psicanálise dentro do contexto escolar atuar a partir de um prisma terapêutico, clínico, muito menos educacional, trata-se portanto de entendê-lo através de uma perspectiva ético-política. Por isso, utilizo o conceito de dispositivo clínicopolítico (Coutinho, 2023), que trata-se de uma aposta na palavra para possibilidade de reflexão e reapropriação da alteridade, em que inventam-se novas ferramentas metodológicas consoante com o panorama de cada instituição, portanto, articulando o sujeito singular aos atravessamentos indissociáveis da realidade.

Uma discussão que se faz importante para esta discussão é a articulação intersetorial entre educação e assistência psicossocial. Guerra (2005) enfatiza que o campo da assistência à saúde mental para crianças e adolescentes foi algo preterido desde a reforma psiquiátrica. Desse modo, ao contextualizar a temática, a promoção da saúde mental deriva do conceito de promoção da

saúde que surge indo de encontro a práticas de saúde biomédicas e sanitárias. A promoção da saúde mental está em consonância com uma noção de saúde que esteja para além do organicista e da visão simplista da saúde/doença. Sendo assim, considera atravessadores micro e macro estruturais. (Oliveira et al, 2024).

Os autores enfatizam um modelo dos processos de saúde e doenças que possuem múltiplas dimensões. Além disso, para a consolidação da promoção de saúde mental um dos elementos fundamentais é o conceito de intersetorialidade, na qual consiste em articulação de modo horizontalizado dos serviços de atenção psicossocial como educação, assistência social e justiça. (Couto, Delgado, 2015 apud Oliveira et al, 2024). Nesse sentido, há uma precariedade de estudos e práticas intersetoriais que visem a promoção da saúde e a articulação entre o Centro de Atenção Psicossocial Infância–Juvenil (CAPSi) e o setor da escola (Oliveira et al, 2024). Os autores apontam para uma escassez de entender que problemas nas escolas são de ordem psicossocial;

Apesar de atualmente a alta demanda ter motivado a criação de alguns núcleos de tratamentos e terapias para crianças diagnosticadas principalmente, com Transtorno do Espectro Autista e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, percebe-se que estes equipamentos têm uma função de apaziguamento da situação, enquanto, políticas de promoção à saúde mental continuam escassas. Contudo, é importante destacar que a universidade tem sido fortalecedora de ações de promoção de saúde mental dentro de escolas em Fortaleza, são pesquisadores e professores comprometidos com a promoção da saúde e isso tem relevância no contexto das políticas públicas.

Portanto, com o entendimento acerca dos impasses que perpassa o campo da educação e a sua articulação com a psicanálise, bem como com a construção de políticas públicas, uma vez que, enquanto pesquisadora também destaco essa preocupação. Entendo que explorar uma

possibilidade de ocupar a escola por uma via que não seja prescritiva e individualista também está consonante com a criação de novas formas da psicologia e da psicanálise habitar o território escolar, trata-se, portanto, de retomar um gosto pela palavra, em sua perspectiva criativa e a livre, fazendo vacilar constructos e estigmas que aprisionam os adolescentes a discursos nosográficos ou a destino *prêt-à-porter*.

### **Conversações com adolescentes: Tateando novos caminhos metodológicos em psicanálise**

*Participante C:* Resumindo: todo encontro é uma caixinha de surpresas. A gente pode combinar uma coisa e a gente vai falar sobre outra. [risos]

*Pesquisadora:* Essas são as conversações.

*Participante C:* É o puro suco do TDAH. A gente fala que vai fazer isso e acaba sendo outro. [risos]

### **A cadeia significativa**

“Assisti o corpo quase desfalecido de Tina se recuperar na contação da vida. A crença me foi permitida porque era um ato de escutar e ver. Eu na escuta-via ou vendo-escutava, como queiram. A história de Juventina estava ali. Tinha o corpo. Havia a fala dela, o timbre, o tom. Havia a contação cujo cerne era o corpo e seus gestos. Era a vida. Por isso acreditei e escrevi. Só escrevo o que creio, vem daí minha invenção, pois a canção é minha também” (Evaristo, 2022, p.134)

Em Canção para Ninar Menino Grande, Conceição Evaristo (2022) finaliza as histórias das amantes de Fio Jasmin e do encontro com Tina, enfatizando a presença da escuta que se faz

com o corpo. A contação da vida de Tina passava por uma escuta que vê e um olhar que escuta, testemunhando os sentimentos e angústias que tomava conta do ar por meio da incorporação da palavra-som. Uma escuta atravessada pela ficção de quem a ouve e de quem a fala. Retomo esse trecho no início deste capítulo porque a literatura embolada a minha prática tem me feito uma pesquisadora mais sensível e atenta às contações de vida dos adolescentes, bem como porque as conversações tornaram-se o vivo dessa pesquisa.

Além disso, quando Evaristo (2022) escreve: “Era a vida. Por isso acreditei e escrevi. Só escrevo o que creio, vem daí minha invenção”, retoma uma discussão importante para a psicanálise em relação a escrita entre ficção e realidade. Apesar de, enquanto membro do grupo de pesquisa coordenado pela professora orientadora ter sido ativa no processo de transcrição das conversações, as contações dos adolescentes aqui tomadas como referência para pensar a ferramenta metodológica em questão, “(...) é menos pela referência à verdade, e mais pela irrupção traumática do real que esgarça o tecido discursivo” (Guerra et al., 2022, p.03).

Dessa forma, destaquei os significantes extraídos das 8 conversações ocorridas a fim de compreender o movimento da cadeia significante, buscando, portanto, articular as potencialidades dessa ferramenta dentro do espaço escolar com adolescentes. Vale salientar que não há o desejo de esgotar as temáticas como conteúdo, visto que, como explicado no método, este será um trabalho realizado pelo grupo de pesquisa. A cadeia de significantes decantada serve para guiar o conceito de associação livre coletivizada que tomei como um dos pilares para que ocorra a conversação. É importante considerar que a associação livre coletivizada com os adolescentes possui particularidade e a intenção não era pontuar o significante singular, de um só participante, mas da própria cadeia ressonante.

CONVERSAÇÃO 01	Autista - Saúde Mental - Suicídio - Depressão - Desabafo - Criança - Trauma - Violência - Normal.
CONVERSAÇÃO 02	Criança - 15 anos - Trauma - Ex (relacionamentos antigos) - Bebida - Violência - Ensino Médio.
CONVERSAÇÃO 03	Cobrança - Bebida Alcoólica - Liderança/Amadurecimento - Procrastinar - Pandemia - Ensino Médio - Pandemia - Perdas - {convocação de um participante para mudar abruptamente a conversa} - Confiança.
CONVERSAÇÃO 04	Medo - Futuro - Pressão - Violência na rua - Vazio - Perdas - Saudade - Remorso - Pressão - Perdas - Suficiente - Amor.
CONVERSAÇÃO 05	Ausência/presença dos pais - Traumático - Irmãos - Amizade - Maturidade - Rivalidade feminina - Padrão - Julgamento - Escola - Pé de Meia.
CONVERSAÇÃO 06	Ambiente Confortável - Falar - Julgamento - Confiança - Sozinho - Comparação - Encaixar - Rede Social.
CONVERSAÇÃO 07	Mar - Controle - Agradar - Viver - Fim do Mundo - Não Encaixar - Julgamento - Se Importar.

CONVERSAÇÃO 08	Ódio - Criar - Esconder - Aceitação - Superação
----------------	---

Desta maneira, o conceito de significante é derivado da linguística, especificamente por Saussure, no qual se referia a parte sonora e gráfica do signo, situando hierarquicamente abaixo do significado. Já Lacan tomou como referência os estudos desse campo para defender sua tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Lacan, 1957/1998) e nessa estrutura haveria a primazia do significante, permanecendo isolado do significado e teria, portanto, o valor de uma função para o discurso do sujeito. No entanto, ainda que haja a função do significante, este sujeito continua inserido em uma cadeia de significantes que passa a ter valor de significado, na medida em que entra em um status de enunciado. A função da psicanálise entra quando se é possível, sob transferência, fazer um corte ou uma pontuação no deslizamento dessa cadeia (Roudinesco e Le Plon, 1998). Para Rosa (2023),

O significante não recorre, não reduz ao terreno das palavras, não reconhece a propriedade privada, não é próprio de ninguém; cruza, circula, atravessa gerações, trespassa o individual, o grupal e o social. (Rosa, 2023, p.37).

Tendo isso em vista, a cadeia significante da primeira conversação (Autista - Saúde Mental - Suicídio - Depressão - Desabafo - Criança - Trauma - Violência - Normal) coloca em evidência pontos relevantes para execução da ferramenta metodológica da conversação no campo escolar. Percebemos que os adolescentes estavam capturados pelo traço que apresentou o grupo de pesquisa na chegada à escola: A psicologia. Logo, percebeu-se como um fator importante no primeiro grupo de execução de uma conversação, refletir sobre qual a relação imaginária que se coloca inicialmente, ou seja, a expectativa de que alunos da Universidade Federal do Ceará do curso de Psicologia, iria querer escutar acerca de problemas associados ao campo psi. Assim,

eles passaram a falar sobre questões da ordem da saúde mental referindo-se a essas problemáticas através de uma oração com sujeitos indeterminados, ou seja:

*(L): como falaram né a gente chamada de autista e tal e isso deixa a pessoa mesmo desconfortável*

*(C): a gente vai sempre estar numa confusão entre nós e nossa mente e às vezes os conflitos... os mínimos conflitos é capaz de estragar a saúde num piscar de olhos. Então ninguém tem saúde mental realmente.*

*(C): A pessoa que tem saúde mental, ela vai puxando mais para ver o lado positivo, né, tipo ah eu vou resolver isso aqui primeiro e depois eu vou resolver esse, aí tem a pessoa que não tem saúde mental que vai mais no e se, e se eu fizer isso, e der errado e se eu fizer isso vai dar tudo errado, e se isso vai isso e der dá tudo errado, aí acaba que fica mais assim sabe*

*(L): (inaudível) a questão da criança também, não só jovem, não só adolescente, mas também a criança. Tá ali naquele meio, não é ambiente apropriado para uma criança está sendo né, cuidada e tals, é vamos supor no meio de um tiroteio, há crianças aí correndo risco de vida, ou então correndo risco do futuro ter a mesma coisa que aconteceu comigo ter essa, esse como é que eu posso dizer esse impacto emocionalmente, entendeu? Esse negócio, dessas coisas, então, afeta muito emocionalmente uma criança.*

*(C): Viver em meio de grito, tiro, correria, deus me livre, logo uma criança né assim pequena [VDS -VN]*

Já segunda conversação, a intervenção dos pesquisadores foi de convocar os adolescentes a falarem em nome próprio, de acordo com suas experiências singulares, caracterizando por um manejo sutil dentro da cadeia significante ao pontuar a falta do Eu nas falas, como, “ e para vocês como tem isso isso”. Em outras palavras, houve o início de um deslocamento de alguns

participantes que se referiam como, por exemplo, “os adolescentes” para dar espaço para o “Eu”, falar na condição de ser afetado por todas as questões que colocaram no primeiro momento. No trecho abaixo, por exemplo, percebe-se que há uma implicação, em que na primeira conversação era referido como se outras pessoas vivessem aquilo e não eles mesmos.

*(K): (...) ele bebe muito, muito, muito, muito, muito... e ele usa droga, ele cheira muito pó, muito, muito, muito. ele chega muito drogado, muito bêbado, ele ameaça de morte, ele sai na rua xingando minha vó, mandando ela ir pra... né? (...) e ele bateu nela, rasgou a roupa dela, a boca dela ficou sangrando, foi uma coisa muito, muito horrível. foi isso. essas foram coisas que marcaram também. são coisas que eu creio que eu não vou esquecer.*

Além disso, também já foi possível perceber um movimento de escuta das falas dos participantes, dando consistência à conversação que avançava sem precisar que sempre o pesquisador necessitasse que está a todo momento incentivando a circulação da palavra:

*C: que tal na próxima semana a gente falar sobre como tá sendo nosso ensino médio? tipo, porque o ensino médio é uma parte em que a gente muda bastante e a gente percebe novas coisas, tipo*

*L: amadurecimento..?*

*C: é!*

*K: eu não sei... o ensino médio é quase... mais ou menos a festa de 15 anos... muito marcante. o povo fala muito “ai, ensino médio, ensino médio, aproveita, viu? ensino médio...”*

*Cs: mas se você for ver, a nossa adolescência, ensino médio... da maioria é ficar trancado em casa... tipo, a gente fica olhando, tipo: “nossa, fulano tá saindo, eu quero sair”, aí a gente sai e vê que não é aquela animação toda que fulano tá postando... não é risos do grupo*

Na terceira conversação os significantes: Cobrança - Bebida Alcoólica - Liderança/Amadurecimento - Procrastinar - Pandemia - Ensino Médio - Pandemia - Perdas - {convocação de um participante para mudar abruptamente a conversa} - Confiança, mobilizou algumas falas na qual remeteu ao uso de um enunciado universal e que ao ser pontuado dentro da cadeia significante gera um desajuste nos sentidos cristalizados sobre si. Além disso, foi um momento propício para que angústias de uma época não tão distante e com muitas marcas para essa geração de adolescentes, a pandemia, tomasse um lugar para ser colocado em palavras, falar sobre as transformações, as perdas, os conflitos familiares e as sequelas deixadas por esse tempo em suspensão.

**(G):** *só da parte de se concentrar mais e estudar. Não sei se é TDAH, não sei. Eu não tenho diagnóstico, mas... tenho observado muitos sintomas*

**Pesquisadora:** *Mas quais são esses sintomas aí, semelhantes?*

**(G):** *É mais a falta de atenção, não conseguir focar nas coisas. Procrastinar as coisas...*

**Pesquisadora:** *Procrastinar... o que é? Pra você.*

**(Z):** *É não conseguir fazer... A sua cabeça é... cheia de coisas para você fazer. Fica pensando em várias coisas. Mas você não consegue fazer nada... Mesmo que você queira, você deseja tanto fazer, tipo... Ah, eu preciso estudar agora, preciso arrumar meu quarto, preciso [inaudível], é muito difícil. Aí eu choro. Porque eu não consigo. Não sai do lugar, é muito ruim. É muito chato.*

**(G):** *Eu acho, não é algo que tenha certeza, mas eu vejo que a maioria das pessoas que tem essa dificuldade de sentar para estudar, são alunos que vieram da pandemia. Esse é o ponto. Eu acho que muitos pararam de estudar por conta da pandemia. Não estavam na escola e dentro de*

*casa não tinha aquele incentivo também. Outros até pararam de estudar por conta do acesso a telefone, celular. E eu acho que isso é uma dificuldade que despertou nesse período.*

Já a 4ª conversação, tiveram os seguintes significantes decantados: Medo - Futuro - Pressão - Violência na rua - Vazio - Perdas - Saudade - Remorso - Pressão - Perdas - Suficiente - Amor. Leio esse momento através do prisma de um testemunho, em que os participantes passaram a colocar em palavras vivências relacionadas a violências em que eles passam diariamente e que, por vezes, são naturalizadas.

*(M): “Eu acho que a gente devia dar muito ênfase nessa parte porque tipo, é o medo de toda mulher principalmente de noite tipo, você tá andando numa rua e você vê, escuta o passo atrás de você, tipo, você já fica com a apreensão meu Deus, eu tô sozinho na rua vai que seja um homem, tipo essa é uma pressão que a gente tem em casa, principalmente, se eu tô sozinho na rua tipo, são diferenças de que o homem pode estar sozinho na rua mas não a mulher não, acho isso muito... machista do homem só que, literalmente, pra mim, o homem é um bicho literalmente, porque você não conseguia andar sozinho na rua com a tensão, com o medo em você é muito difícil de se lidar muito, verdade”*

*(C) De ser espancado na rua, por causa...né? de eu ter aparência masculina e a voz feminina...e às vezes as pessoas ficam com uma cara estranha e eu fico “é hoje que eu morro”*

*(G): Meu sonho, desde quando eu era pequena, sempre foi fazer direito e me tornar advogada criminalista, eu tenho muito medo de eu não conseguir passar do ENEM porque é uma faculdade que muita gente quer passar, é muito concorrida...direito e medicina. E eu tenho medo de eu não conseguir, de uma pessoa ter estudado mais do que eu, de uma pessoa ter privilégios mais do que eu. É o que a gente tem, o que a sociedade apresenta pra gente, se você não for atrás você não vai ter porque tem muito sobre classe social,*

*(P): e tem a ver também com de perder laços importantes que eu acho que muita gente não se sente suficiente e não é nem suficiêcia em questão de perfeição mas é suficiente pra fazer outra pessoa ficar na sua vida, entendeu? Ficar ali presente o tempo todo. Então também está ligado a perder laços importantes porque eu acho que quando você entra num relacionamento ou algo tipo você não pensa... você não entra pensando em terminar você pensa em realizar uma vida uma vida perfeita aos olhos da sociedade: casar, enfim... Então acho que não “Ah não ser suficiente”, mas é não ser suficiente pra pessoa ficar de verdade.*

Conversação cinco: Ausência/presença dos pais - Traumático - Irmãos - Amizade - Maturidade - Rivalidade feminina - Padrão - Julgamento - Escola - Pé de Meia. Incentivados pela fala do participante no encontro passado, o grupo trouxe fotografias ou objetos que lhe marcaram ao longo da vida para compartilhar e falar um pouco. Devido esse momento já ser marcado por um tempo maior em que os adolescentes estavam no grupo e a criação do vínculo e da confiança estava mais consolidada, ainda que sempre necessite de manutenção, foi possível explorar um pouco mais as intervenções pontuais acerca das palavras que eles vinham utilizando para determinar a forma que se sentiam ou se relacionavam.

*(C): Aqui é o Apolo, gente. Ele é um dos meus ursinhos porque eu tenho muito hiperfoco em pelúcia desde criança.*

*Pesquisadora.: Hiperfoco em pelúcia?*

*(C): Sim, e nossa, ele é muito importante pra mim porque ele foi a primeira compra que eu consegui com o dinheiro do meu trabalho.*

*Porque normalmente meus pais sempre me humilharam muito falando um monte de coisa. E aí quando eu comprei ele eu fiquei me sentindo muito bem, é... muito independente. E ele acabou se tornando muito importante pra mim. (...)*

O “hiperfoco” é uma palavra da atualidade que inicialmente foi associada a pessoas com Transtorno do Espectro Autista que elegem objetos ou modos para ser possível de entrar no laço com o outro, ou pelo menos, fazer uma fronteira. Logo depois, principalmente neste último ano de 2025, a palavra foi amplamente disseminada nas redes sociais e nas relações para se referirem a algo que as pessoas estão gostando muito no momento. Quando nas conversações, se explora do que se trata esse hiperfoco, abre espaço para que uma outra coisa apareça que fala de uma experiência que é singular do sujeito e não cabe no sentido atribuído à palavra hiperfoco. No mesmo sentido, acontece no trecho abaixo, quando se pontua acerca das fotos que são trazidas e, em seguida, chacoalha o significante defeito para consequência, não se trata de um capricho gramatical, mas de ser possível atribuir outros sentidos para essa história que se repete em fala e em ato.

*(G): E aí gente, eu trouxe umas fotinhas. Eu, pequena, com todo mundo e aqui minha família. E esse aqui é meu pai. E essa primeira foto, acho que eu tinha um ano, dois anos, eu não lembro muito bem, mas aqui foi no meu aniversário. E acho que foi o maior aniversário que eu tive. Eu tenho algumas fotos ainda, tem outras fotos dessa aqui. Essa, acho que não é sobre um dia, específico que foi no meu aniversário, mas fala mais sobre mim mesmo, porque eu vejo o quanto eu mudei. (...)*

*Pesquisadora: E você falou que tinha várias dessas fotos daí parecidas, né? E aí você escolheu essa?*

*(G): É só porque eu tô com o meu pai. Exatamente essa porque, apesar de minha mãe e meu pai serem separados, eu tenho um afeto muito grande por ele, um amor muito grande por ele. A distância é grande, mas às vezes a gente liga um pro outro, conversa... Assim, às vezes eu me sinto mal porque eu não tenho muita intimidade pra falar com ele. Já faz muito tempo, né?*

*Então tem essa diferença que, às vezes, eu fico pensando que eu poderia ser mais, é... Assim, confiança que poderia ser uma comunicação melhor, mas eu entendo meu lado porque ele não foi tão presente. A gente não teve tanto tempo juntos*

*E eu acho que o que falta mesmo... Ai, gente...*

*Eu acho que uma das coisas que me faz, assim, se sentir meu vazia, é a falta de um pai presente. E eu acho que essa situação de ficar separado do pai acaba assim... Acarreta assim, alguns defeitos. Por quando eu sinto a falta de um pai presente. Mas é isso. [FA-F]*

*Pesquisadora: Alguns defeitos por conta dessa falta?*

*(G): É, eu acho que... eu digo defeitos, mas eu acho que não são defeitos.*

*Eu acho que eram consequências mesmo. Como a consequência de a falta de um pai presente.*

*(...)*

Nesse momento, as pesquisadoras incentivam a palavra para circular, de modo que não se torne uma relação dual de perguntas e respostas entre duas pessoas e possa, portanto, movimentar a cadeia ressonante dentro do grupo. Tal situação demonstra um aspecto importante para que uma conversação ocorra, a função do mediador enquanto aquele que dirige a palavra, não no sentido de tomar de conta da palavra para si, mas de fazê-la andar, circular e atravessar. Trata-se, também de uma direção clínica lacaniana, no texto “Intervenção sobre a transferência”, Lacan (1958), explica que o analista deve dirigir o tratamento, embora não deva fazer isso de modo pedagógico e prescritivo. Os outros adolescentes continuam:

*(I): É um assunto bem delicado, né? Quando a gente fala assim, da ausência de um pai que é como a (G) falou, que é cada caso, né? Tipo, já no meu, eu tive um pai presente, mas ao mesmo tempo, eu vi ali que meu pai tinha atitude, é...Ações que...Ele não causava mal . Mas causava o*

*sofrimento da minha mãe. A relação deles. Aí ele só sabia trair a minha mãe e tal. E aquilo ali foi criando um amargo na gente, um sentimento de raiva. (...)*

*(G): Eu acho que... Me identifiquei. Essa parte que o (I) falou sobre alguns erros, né? Que ele, o pai dele, cometeu.*

*(C): Já no meu caso, eu não me identifiquei com o (I). Eu tive um pai presente, mas meu pai sempre foi alcoólatra e eu cresci vendo coisas, tipo, ele batendo na minha mãe, ou ele tentando bater. Ele já tentou matar duas vezes. (...)*

No recorte citado acima, observei para além do conteúdo que remete a situações de violência e, também, um desamparo paterno, a ressonância que as falas de uns provoca em outros, sustentando, assim, uma experiência de consentimento com a alteridade e, ao mesmo tempo, com a inscrição da singularidade. A linguagem é a responsável por cavar essa dimensão de alteridade, como fundante através do mal-entendido. Desse modo, “fala-se porque supõe-se a alteridade, outro sujeito, ao qual, no entanto, só se pode remeter se essa diferença é anulada e o outro é tratado como igual à própria imagem ou mesmo como objeto de comunicação” (Rosa, 2023, p.34).

A 6ª conversação: Ambiente Confortável - Falar - Julgamento - Confiança - Sozinho - Comparação - Encaixar - Rede Social. Nesse momento, os adolescentes escolheram falar sobre o sentimento de comparação, colocando em palavras esse imperativo categórico contemporâneo de que há um padrão de performance a ser alcançado e ao mesmo tempo, é inatingível.

*(C): A gente acaba se reprimindo, tudo que a gente tem que falar, tudo que a gente sente, porque a gente se sente inferior; a gente pensa: “não, isso não tá certo, aquela pessoa pode, porque ela é melhor do que eu, ela consegue fazer isso e eu não”.*

***Pesquisadora:** E de onde vem esse sentimento de ser inferior? Como que se constrói na vida da gente? Porque a gente sabe que é uma ideia, né? Mas é uma ideia sobre quem somos, que é tão assim, forte?*

***(C):** Acho que é comparação. A gente se compara com outras pessoas ao nosso redor e muitas vezes a gente não tem o apoio que a gente precisa pra não se comparar, tipo, ah, eu estudo, mas o fulano passou em tal prova. Eu vou me comparar com o fulano, porque eu não consegui passar em tal prova, ou eu nem fiz a questão de entrar em tal prova. Então, eu vou acabar me comparando e dizer, não, aquele fulano, ele é mais inteligente. E mesmo que eu estude, estude, estude, talvez um dia eu chegue lá, mas é só um talvez.*

Conversaço 07: Mar - Controle - Agradar - Viver - Fim do Mundo - Não Encaixar - Julgamento - Se Importar; e conversaço 08: Ódio - Criar - Esconder - Aceitação - Superação, os adolescentes trouxeram poemas e produções em que o mar aparece como representação. Nessas conversações o que podemos extrair é que a narrativização do sofrimento psíquico por meio da construção particularizada de angústias acerca da travessia da adolescência.

***(K):** Pra mim eu sinto o contrário, sempre que você fala de paz, dessas coisas, o meu é completamente o contrário. Eu sinto que a praia... eu gosto de um lugar que eu posso controlar com... tudo o que eu posso. Tipo, não é controlar o outro, enfim. Tipo, eu tô lá, na praia, eu não consigo controlar as ondas, eu não consigo controlar o vento que tá lá. Por isso que eu gosto muito mais de piscinas, essas coisas, porque eu posso controlar essa calma. Se ela vai ter.. porque uma piscina é privada, eu posso controlar quantas pessoas vão ter lá, eu posso controlar se vai ser fechado, se pode ser aberto. E é por isso que eu gosto mais da piscina, que eu posso controlar, e não ser como o mar, que do nada pode vim uma onda grande e bater na gente, muito muito forte. É por isso que eu gosto muito mais de piscina.*

*Charles: É aquela frase: “a gente nasceu cedo demais para mudar o mundo e tarde demais pra conseguir mudar”. Por que o nosso ano tá acontecendo tanta coisa que daqui para 2027 a gente pode ir todo mundo de arrasta.*

*[conversas paralelas sobre aquecimento global e fim do mundo]*

*(M)O aquecimento global já tá chegando*

*(C): Ebulição global já, mano*

Um ponto que foi interessante foi a construção de um lugar dentro da escola, o grupo foi dividido em duas partes, uma para fazer observação participante dentro da própria escola e outra para as conversações. Um movimento importante que foi observado como ponto desvantajoso foi a presença maior de pesquisadores do que de participantes, isso gerava um efeito segregador no grupo e incentivava um “nós e eles”. É importante que não seja formado um *paredão* de pesquisadores e os participantes, pois provoca inclusive, através do corpo, um distanciamento.

Além disso, um ponto importante é salientar que antes de cada conversação pensávamos em um disparador, ou seja, algum recurso que auxiliasse na fala. Os disparadores das conversações atuavam como uma forma de impulsionar os pensamentos, a criatividade e facilitar à fala para os adolescentes. Desse modo, a intenção era nas palavras de Sato et al:

(...) enfatizar a força viva do grupo que não está no apego às técnicas e às identidades grupais, mas sim na capacidade de escutar os sujeitos e seus sofrimentos para além das urgências sociais em que se apresentam, respondendo a partir do que pode fazer laço, da implicação e do desejo de analista. (Sato et al., 2017, p.496)

Desse modo, as mobilizações de criatividade e de invenções são relevantes quando se pensa em dispositivos grupais a fim de explorar um tratamento simbólico para o horror (Sato et al.,

2017). Portanto, são recursos que não limitam a fala e nem procurar ser o fim do processo, mas o meio para que o que está sendo difícil de colocar em palavras, possa surgir diante do grupo.

### **A função da conversação na escuta da violência e da vulnerabilidade social: “Conte aí a novidade”**

*(B): “às vezes a gente se convence que as coisas nunca vão acontecer com a gente porque a gente pensa que é tão inferior no mundo que nunca seria capaz de acontecer com nós”*

Uma das potencialidades da ferramenta da conversação é a construção de um lugar para testemunho de violência que os adolescentes vivenciam. Percebemos que essa função não está no campo de uma demanda, mas de um comprometimento com a promoção da saúde mental no contexto escolar. O compartilhamento das micro e macro violências se deram de modo espontâneo das conversações e ao serem colocadas em palavras, adquirem um tom de desnaturalização do que se vivencia. Coutinho (2020) resgata o filme: “Nunca me sonharam”, em que o título faz referência a fala de um adolescente no interior do Ceará que relata sobre a sociedade não projetá-lo como futuro universitário.

Essa conexão que a autora faz remete as falas dos adolescentes em uma conversação em que a única coisa que falamos foi: queremos ouvir vocês. E os adolescentes passaram a trazer as problemáticas do ensino público que apesar de precário ainda transmitem um pouco de sonho, porém sentem a realidade da universidade pública e de um trabalho digno formal cada vez mais distante. Então perguntamos, será que os adolescentes do bom jardim são sonhados por alguém? Quais as possibilidades de quem está na margem?

*(G): tem muito sobre classe social na sua vida , pesa muito isso. se eu não for atrás das minhas coisas ninguém me atrás por mim e outra pessoa pode pegar o meu lugar, tipo uma*

*pessoa que tem dinheiro não quer pagar uma faculdade e reserva pra ela, elas pegam o lugar de uma pessoa que não tem tanta disposição no dinheiro. Eu acho isso bem errado porque a pessoa ver o que é o padrão de vida dela mas ela que é o padrão de vida de outras pessoas.*

Observamos nos adolescentes essa pregnância imaginária (Rosa, 2023) de uma desesperança, de uma impossibilidade de apostar no melhor de si. Dessa forma, não se trata de um aspecto individual de uma escolha em não apostar, mas de um efeito que é gerenciado sociopoliticamente, na qual estabelece efeitos no narcisismo, no luto, nos afetos e na culpa (Rosa, 2023).

Desse modo, pensando pelo prisma metodológico, a política e a clínica aparecem juntos quando lançamos mão de dispositivos que visem compreender os aspectos culturais e sua afetação ao sujeito, provocando conflitos quando a “alienação dos sujeitos a determinado *pathos*” (Rosa, 2023, p.25).

Na ausência de espaços para o sujeito em sua complexidade, com suas histórias, seus atravessadores e angústias, bem como na inexistência de um endereçamento ao Outro que o investe de palavras e de mundos possíveis, o circuito pulsional da adolescência permanece à deriva no laço social (Coutinho, 2024, p.192). Assim,

Seja pela vulnerabilidade dos laços sociais e familiares, seja por conta dos discursos educativos atravessados de especialismos e exigências produtivistas, muitos adolescentes são silenciados por discursos do alto desempenho e da produtividade, pelo fracasso que é nomeado enquanto doença, pelos impasses sociais que atingem a todos nós, mas são depositados na conta de cada um deles individualmente (Coutinho 2020, p.68)

Um exemplo do que a autora pontua acima pode ser identificada na fala desse adolescente:

*(C) E eu cresci ouvindo que eu não era filho dele, que eu era filho do demônio. Não sei o quê, não sei o quê... Que eu fui... Que minha mãe tinha traído ele, e ele vivia traindo a minha mãe, bebendo, xingando, e... Cresci com isso, né? E aí depois de um tempo, minha mãe começou a parar de se encontrar com ele, [inaudível]. E ele começou a descontar isso na minha avó. E eu não gostava disso, eu acabava me metendo no meio e depois sobrava pra mim*

A violência no território passou a ser falada no grupo através de um relato de uma dos participantes, motivado pelo tema da vez da roda que era saúde mental:

*(M): “(...) porque tipo assim, eu tive uma infância muito perturbadora, entendeu, questão de... vamos supor meu irmão era sei lá envolvido né e sempre eu via, era uma criança dentro de uma periferia, vendo sempre viaturas, ou então coisas que deixam a pessoa perturbada mesmo, entendeu, via também meu pai e minha mãe, discussão direto e tals... é ... então, eu não tive uma infância totalmente como uma criança tem né, eu tive uma infância muito perturbadora aí minha irmã tirou a conclusão que a partir dali aquelas crises que tava dando por conta de coisas do passado que eu tava pensando muito e também coisas do presente que eu tava ligadas, entendeu?!... Que tava tentando me deixar triste, entendeu, eu já tentei fazer várias coisas, mas graças a deus não deu certo”*

Movido pela fala do adolescente M, a pesquisadora, a fim de não deixar o relato se perder, ou naturalizar, a violência como um atravessador da saúde mental. Retoma a fala com o questionamento, como percebe-se a violência no território e como afeta a saúde mental. Nesse momento, observa-se um distanciamento e ausência de implicação. Os relatos tratam a temática sobre quem sofre sendo sendo um outro, retira a voz ativa e fica na passiva, é o outro que passa por isso, mesmo depois do relato do aluno M. O que, portanto, decorre um processo de naturalização da violência, como estratégia de suportar mesmo o horror que se vive.

*(K): Acho que hoje em dia a sociedade vê muito isso como algo normal, é tanto que tem canto que a gente chega que os próprios moradores falam. É... a não tem perigo não, aqui são os os homens, os homens não né porque hoje em dia usa esse apelido para os policiais, não os bandidos daqui que mandam aqui, precisa ter medo não que aqui não*

*(M): “Pronto, quando tem assalto aqui em frente a escola, em frente a Eudes Veras, aí pessoal chega e fala ai roubaram o celular de fulano, pois conte a novidade aí, a sociedade já está acostumada, infelizmente, se acostumou com isso, não porque quer, mas porque é obrigada.”*

*(I): É, o medo de andar assim, mas pelo... passa uma viatura e tal e, assim, não é só de noite mas, tipo, toda o horário quando eu vejo uma viatura eu já fico meio, assim, apreensivo pensando em várias coisas se eles vão parar e tal e teve uma vez que eu perdi meu documento aí a minha mãe falou assim “mas porque, meu filho, você leva esse documento?” aí eu falei assim, ah mãe, porque, tipo eu sou uma pessoa negra e eu tenho que levar um documento pra comprovar e tal que já, nós sabendo que a polícia do Brasil, e não só do Brasil, do mundo todo, é uma polícia muito racista, né? Que ela faz o mal mesmo assim com pessoas negras, pessoas negras periféricas, LGBT, né? Então, assim, o meu medo mais é andar assim na rua e ver uma viatura policial. Um medo que aflinge muito eu. /*

Com base nisso, o espaço da conversação adquire dentro da escola um espaço para que essas violências sejam testemunhadas e endereçadas. O recurso da palavra frente ao horror naturalizado é uma via para elaboração e desnaturalização das constantes violências micro e macro sociais que os adolescentes são perpassados.

### **Em nome próprio**

Um movimento pertinente dentro da ferramenta metodológica da conversação é a condição de se falar em nome próprio. Diante de tantos discursos que falam sobre os adolescentes, a conversação busca que o saber sobre si seja construído por eles mesmos. É uma condição de atravessamento de um lugar de assujeitamento para um lugar de sujeito. É importante diferenciar o conceito de enunciado e enunciação. O enunciado diz respeito ao conteúdo dito e ao seu significado respectivo, já a enunciação está vinculada ao ato de falar e as fissuras dessa fala, ou seja, o que, a nível de significante, está revelando o sujeito do inconsciente e sua relação com o Outro. Este é um conceito importante para as conversações, já que, embora o enunciado tenha um valor dentro do grupo, por meio da enunciação, se fala em nome próprio, nem que seja pela via de um enigma designado. Então, o objetivo de uma conversação não é necessariamente passar de um para outro, mas instaurar um enigma dentro de saber totalizantes que falam em nome do sujeito.

Na apresentação inicial de cada um, o aluno D explica que é *animado*, mas por conta disso, já foi chamado de *autista*, pela sua personalidade animada pelos lugares. A nomenclatura usada para pessoas que possuem diagnóstico de autismo, tem sido de muita disputa no campo psiquiátrico, psicológico, educacional, política e do mercado. Na instituição escolar, bem como nas redes sociais, tem-se observado um fenômeno de transformar o nome *autista* em um xingamento ou bullying, como acontecia em anos anteriores com o retardo mental, que era usado pra nomear pessoas que não tinham essa condição, mas que praticava ações que podiam lembrar e era chamado de “retardado”.

Outro ponto, é que como entramos na escola carregados dos significados que podem ter a psicologia, logo, tem-se essa tendência do autodiagnóstico o que diz muito de nossa época. No

entanto, destaca-se que uma escuta orientada pela psicanálise consiste em fazer um furo no que parece engessado, de conseguir questionar e fazer com que o sujeito se responsabilize sobre aquilo que ele falou. Na conversação, percebemos que o encadeamento de significante já consegue fazer vacilar sentidos.

Engajado por esse diálogo o outro aluno M explica :

*“(...) minha alegria também e, às vezes, incomoda. No ambiente que muitas estão ali triste, aí você fica alegre o aproximou ainda tirando brincadeira, mas alguns às vezes não se sente confortável ou tiram brincadeiras pesadas assim como falaram né a gente chama de autista...”*

Tal diálogo consiste na ressonância de significante de alguém que está escutando o que outro está dizendo, se escutando e colocando no grupo. Há uma dimensão de três elementos que podem, possibilitam um lugar para construção de alteridade na escola que não seja pedagogizada, engessada, mas que é vivida na experiência, ou seja, trata-se de um ato. A aparição do discurso capitalista juntamente com o discurso científico nas escolas fazem com que os adolescentes sejam tratados e falados como objetos a serem moldados e prontos para consumir. (Coutinho, 2020, p.66). Essa lógica é incorporada no culto à performance na beleza, nos estudos, no trabalho, nas redes sociais e na saúde, ou seja, um molde de *lifestyle*. Essa problemática é reproduzida pela fala a seguir

*(G): tenho medo de eu não conseguir, de uma pessoa ter estudado mais do que eu, de uma pessoa ter privilégios mais do que eu. É o que a gente tem, o que a sociedade apresenta pra gente, se você não for atrás você não vai ter porque tem muito sobre classe social, tem muito sobre classe social na sua vida , pesa muito isso. se eu não for atrás das minhas coisas ninguém me atrás por mim e outra pessoa pode pegar o meu lugar, tipo uma pessoa que tem dinheiro não*

*quer pagar uma faculdade e reserva pra ela, elas pegam o lugar de uma pessoa que não tem tanta disposição no dinheiro. Eu acho isso bem errado porque a pessoa ver o que é o padrão de vida dela mas ela que é o padrão de vida de outras pessoas.*

*(C): Eu achei muito legal porque deu pra todo mundo esclarecer as ideias e todo mundo acabou se identificando com o outro e a gente teve uma visão geral onde a gente percebe que não é só a gente que tá passando por aquela situação e muitas pessoas também já passaram ou passam só que não tinha como se ajudar e agora a gente tanto conseguiu fazer mais amizades, como conseguiu se ajudar entre si.*

*(H): Ou até só desabafar, porque às vezes pra gente é muito importante a gente conversar sobre algo que a gente prende pra nós, porque a gente que quando explode, vira uma bola de neve, uma situação muito ruim e difícil pra gente.*

Atualmente há uma fetichização acerca da performance humana, ou seja, o padrão que antes era um padrão de beleza ou de status social passa a assumir as exigências de uma performance de saúde, de consciência, de comportamento, de palavras. Muito disseminado em uma era pós-pandemia o eixo do desenvolvimento pessoal tem sido cada vez mais atingido por uma gramática universal na qual há sempre algum influenciador, *coach*, especialista ou até mesmo um *ebook* com a solução de todos seus problemas e com receitas sobre a forma correta de viver a sua própria vida e nomear seus próprios sentimentos, angústias e emoções.

Assim, avançando na discussão o sujeito - empresa é um produto do neoliberalismo atuando como uma “intervenção social profunda nas dimensões produtoras de conflitos” (Safatle et al., 2020, p.25). A financeirização da existência transforma os sujeitos em capital humano, pautando o espírito empresarial para todas as áreas da vida, inclusive, propagando a ideia de divisão de áreas da vida, fragmentando cada vez mais o sujeito em sua incompletude, de modo a

internalizar o raciocínio empreendedor de si mesmo universal a todos os modos de existência (Safatle et al., 2020). Desse modo, tem ficado cada vez mais descaracterizado os nomes que usamos para se referir a algo que sentimos ou achamos. A instantaneidade do consumo, nos tornou consumidores de *lifestyles prêt-a-porter*.

Ao deslocar a discussão para o campo da saúde mental, este é um dos pilares cruciais para disseminação da dominação, o controle da gramática do sofrimento psíquico (Safatle et al., 2020, p.13). O mal-estar se torna sofrimento psíquico ao ser subjetivado, por meio de uma narrativa dirigida a alguém. Por isso, as conversações podem ser vistas como uma aposta em que cria-se condições para a narrativização em nome próprio do sofrimento psíquico.

Além disso, a forte presença do discurso da ciência enquanto esse que anula o sujeito em sua subjetividade provoca o sentimento de desinserção da educação como um espaço de transformação de vida, sendo colocada como mais uma engrenagem e aparelho dentro do sistema, feita para seguir parâmetros, regras e metas a serem batidas. De forma que,

(...) os adolescentes são destituídos de sua palavra e de seus atos, passando muitas vezes a serem identificados exclusivamente através de avaliações de seu desempenho escolar, diagnósticos psiquiátricos ou de atribuições criminais, que os marginalizam e os silenciam repetidamente.(Coutinho, 2020, p.67)

No entanto, apesar da lógica neoliberal incorporada às demandas escolares, o que observei nesse período foi também os professores preocupados com os alunos e dentre tantas normativas burocráticas e pedagógicas conseguem ter um olhar particularizado com os adolescentes, não com todos, não generalizado. Principalmente os professores que recém iniciaram a carreira acadêmica falam de uma tentativa de escutá-los e da dificuldade em fazer esse papel. Um grande

apoio são os professores PDT (Professores Diretores de Turma) que possuem um vínculo maior com determinada turma, fazem busca ativa e conseguem dialogar melhor com os “nó cego”.

A expressão “*nó cego*” foi utilizada por uma professora no momento da devolutiva das conversações que já tinham ocorrido. Essa composição de palavras é interessante quando pensada a nível significante. Quanto ao sentido a professora estava se referindo aos alunos que desviam a norma, que não entregam atividade, não querem assistir aulas. Pensando no “nó cego” como expressão também daquilo que não tem mais jeito, não tem saída, como algo que não tem abertura para resolução, impossível de “desatar”. Essa expressão estabelece consonância com esse período da adolescência que pode ser marcado por essa colisão dos registros.

### **Análise Da Enunciação: Uma Proposta Metodológica**

A produção de dados em uma pesquisa-intervenção ultrapassa a finalidade acadêmica stricto sensu, haja vista objetiva-se fortalecer os espaços coletivos (Menezes et al., 2018) dentro da escola e compreender a própria pesquisa como um analisador implicado nos processos de transformações macrossociais.

Nos estudos acerca do instrumento da conversação psicanalítica não foi encontrada forma de análise que se destaque em detrimento a outras. Observamos que tal fato também se constitui como um entrave no uso dessa metodologia dentro de pesquisas acadêmicas. Além de considerar as diversas formas de análise do material, encontramos a Análise de Enunciação (Bardin, 1977) como uma proposta metodológica. Contudo, essa forma de análise do material pode ser complexa para o uso de um corpus grande de dados. No entanto, como esse trabalho se constitui pela tentativa de pensar as potencialidades e os desafios da metodologia da conversação psicanalítica como meio para narrativização do sofrimento psíquico com adolescentes, optamos por realizar uma amostragem de como se constitui essa ferramenta de análise. Lembrando que

para explicar o método a autora usa como exemplo entrevistas, logo ao longo do texto será utilizado esse nome.

A análise da enunciação é proposta por Bardin (1977) como diferente da análise clássica do conteúdo por concentrar seus esforços no processo e não no dado. Assim, é orientado para práticas com a psicanálise e linguística, por ser amplamente métodos que utilizam entrevistas não estruturadas. A autora defende o ponto de vista de que a palavra em ato é nomeada como discurso, em que é constituído de elementos que estão para além do que se tem quando se considera conteúdo como um dado.

Bardin (1977) explica a forma de análise explorando características relevantes para uso do método: A) As condições de produção da palavra, na qual diz respeito ao mal-entendido da linguagem, ou seja, os três polos (locutor, objeto de discurso e um terceiro, que pode ser um psicanalista ou pesquisador), constitui uma comunicação seguindo uma lógica do discurso, porém a função do terceiro seria de destacar as estruturações da linguagem que passam por terceiros. Um exemplo disso são os termos que são usados para fazer a circulação de um significante, em que a maior parte é carregado de um sintoma superegoico da época em resposta a uma lógica de performance neoliberal, como por exemplo: “procrastinar, controle, agradar o outro”.

Já a característica B) O rodeio pela enunciação - a aproximação com a análise da enunciação poderia seguir a via sintática e paralinguística, enfatizando os estudos semânticos e gramaticais da cadeia enunciativa; outra forma de aproximação é por meio da análise lógica em que se ampara em um arranjo específico do discurso, por exemplo, pode-se aproximar sobre as formas em que os adolescentes se referiam as redes sociais. E, por fim, uma última seria a análise dos elementos formais atípicos constituídos pelos silêncios, metáforas, omissões e risos. Neste

último, pensando no campo da psicanálise também poderia adentrar os elementos do inconsciente, como chiste, lapsos e entre outros. Além destes, outro elemento que se configura como importante são as figuras de linguagem como a metáfora e a metonímia.

Depois dessa explicação a autora ainda vai pontuar as influências metodológicas e a análise da enunciação sucederam, como da linguística, da psicanálise e a antropologia. Além disso, explica que as circunstância de uma entrevista não estruturada se apresenta como esforço de elaboração, “emergência do inconsciente e construção do discurso” (Bardin, 1977, p.173).

Quanto à organização do corpus da análise, Bardin (1977) explica que é necessário realizar uma amostragem rigorosa, considerando os marcadores de cada entrevista, caso seja de ordem intensiva. No entanto, sendo de ordem comparativa é necessário que tenha todas as condições situacionais, por exemplo, se for realizar uma comparação entre os participantes do próprio material analisado. Já uma outra possibilidade é a análise que destaca a singularidade e elaboração individual do discurso, se dando de modo mais espontâneo. No caso aqui apresentado, o que queremos explicitar através da análise da enunciação é o decorrer da cadeia significativa nas conversações, considerando não o ponto de vista de uma elaboração individual, mas de uma implicação coletiva no que se fala.

Segue-se os seguintes passos, primeiro a preparação do material: Consiste na transcrição das entrevistas, ou nesse caso, das conversações, na qual contamos com o grupo de pesquisa para realizar esse trabalho. Na transcrição se deve conservar o máximo de totalidade de significantes, como também os elementos de riso, de silêncio e contradição que são importantes. Em seguida, Bardin (1977) argumenta que a análise temática do conteúdo pode ser complementar a de enunciação. Nesse caso, teremos uma pesquisa guarda-chuva realizando esse corte nas conversações por meio do estabelecimento de categorias que surgem no processo e esse trabalho

de cunho metodológico como um braço da pesquisa maior. Por fim, outro passo da análise da enunciação é “encontrar a lógica intrínseca que estrutura cada entrevista”. No caso desta pesquisa, consideramos uma só conversação para amostragem, através de um recorte de dois trechos.

Essa coisa que o (C) (1) falou de ser aceita em grupo, né?// É, não só em grupos de amigos, mas também em família também, acontece.// Eu já, acho que eu já falei aqui, não sei, //mas quando eu era menor, eu procurava muito ser aceita dentro da minha família, porque eu não conseguia (2)...// eu sentia que eu era inferior, aos padrões deles. //E... isso me afetou muito até nos outros lugares que eu convivia, né? // Igreja e amigos também. Aí esses amigos que... //

assim, alguns ainda são meus amigos hoje, né? Aí, só que o ano passado era diferente porque eu mudava até o meu jeito de vestir, minha postura, meu estilo, forma de falar, pra poder ser aceita nesse grupo.// E isso é uma problemática muito assim, (3) na realidade de muitos, porque é muito difícil a gente estar, assim, em lugares que, hoje em dia tudo é um padrão. //Tudo tem um jeito de vestir, um jeito de falar, de andar, rede social da mesma forma...

Antigamente, eu também estava me expondo nas redes sociais. Não assim, de uma forma assim de rosto ou corpo, não. (3) Era só na minha vida, entendeu?// O que eu fazia, o que eu gostava, só que aí eu comecei a me retrair porque eu vi que algumas pessoas até julgavam. // Então, isso meio que me afetou muito.

// - Escansão das orações

(1) - Referência a outro participante, o que configura o pilar da conversação como a cadeia ressonante dos significantes

(2) - Tema de não ser aceitação na família

Divisão por espaço no parágrafo: característica da sequência (retoma para corrigir o que disse anteriormente)

**C:** Pra mim foi difícil porque na hora // eu tava chateada com umas coisas...

[*silêncio*]

**E:** Eu odeio silêncio, // fala alguma coisa (3)

[*risos*]

**Pesquisadora:** É difícil ficar em silêncio?

**M:** Tu foi a única que ficou calada até agora

**E:** Eu tenho o que dizer, // mas (4) é assim mesmo...

(...)

**E:** Pra a gente falar para alguém (2), sei lá um familiar, / eu vou dar um exemplo (1): eu me assumi, eu me descobri, aí o meu familiar vai gostar disso?! Porque ele aprendeu de uma forma diferente né? / Eu vou dar o exemplo (1) da minha mãe: ela é muito preconceituosa, aí como eu vou dizer para ela que eu estou me conhecendo e que eu descobri isso em mim/ Muitas pessoas não têm coragem de falar sobre você (2), porque tem isso em mente.

**M:** Mas é bem comum mesmo, // tem muita gente que tem medo de, ah, de revelar algo de si mesmo que não seja tão impactante, // mesmo que seja uma coisa pequena.

**E:** Exatamente. // Porque querendo ou não vai impactar. // Eu vou dar... é... por exemplo (1)... mas, eu me assumi.// Eu me assumi //e pá trataram eu como se eu fosse uma pessoa estranha, // como se eu fosse um animal, // vamos dizer assim//. Me chamaram várias vezes de ovelha negra,// até minha própria mãe,// isso foi algo que me impactou bastante,// mas hoje em dia, eu entendo que a minha mãe me trata diferente,// que mesmo que eu não mereça,// tá tudo bem//. Porque ela não sabia, //mas hoje em dia ela entende.

*[alguém faz som de “Cri, cri, cri” (3) em referência ao breve silêncio que se fez]*

// - Escansão das orações

Letra em negrito: Sinaliza a participação de mais de uma pessoa na construção do pensamento

(1) O uso de exemplos para se referir a situações pessoais

(2) Uso do “Alguém”/”Você” marca um discurso que, apesar dos exemplos, volta para o campo do indeterminado.

(3) Uso de elementos do humor e chiste para alívio da situação acontecendo de forma encadeada

(4) Contradição na fala: Apesar de ter o que falar, usa de uma frase para generalizar. Nesse momento, se mantém a escuta para que isso possa ser elaborado.

É importante salientar que quando se considera a produção individual na amostra de dados, algo que não demonstrei aqui, pode ser que a análise do sentido e da expressão de cada frase pode, por vezes, se assemelhar a uma análise selvagem da situação. Em dos exemplos que a autora descreve no seu texto, há inferências acerca da sexualidade e motivação do entrevistado, demonstrando interpretações amplas para contextos não tão explícitos. Assim, voltando para o uso dessa forma de análise no contexto aqui considerado, uma conversação grupal, tal prática

estaria indo de encontro a ética da pesquisa e da psicanálise. O que pretendo demonstrar através da análise de enunciação é uma possibilidade de ferramenta para análise e, principalmente, o movimento que a cadeia significativa desliza nas conversações. Sendo assim, estou mais interessada em compreender que “(...) o discurso é por um lado uma actualização parcial do processo na sua grande parte inconsciente e por outro a estruturação e as transformações provocadas pela passagem, pelo fluxo da linguagem e pelo outro” (Bardin, 1977, p.170)

### **Do campo à teoria: Reflexões acerca do sofrimento psíquico do adolescente na contemporaneidade**

Ao relacionar política à psicanálise, apesar de se tratar de campos distintos, entendemos política como uma instância que transcende a lógica de governança e direção de uma sociedade, e está incutido nas pessoas enquanto o que há em comum em sociedade. A política só é possível quando se sustenta a diferença e a pluralidade (Rosa, 2023). Desse modo, em consonância com Rosa (2023), essa pesquisa não pretende disputar saber e domínio de temas com outras áreas, mas estar dentro do debate, não negligenciando-o. Por isso, o objetivo é adensar a discussão sobre as conversações, no que tange a oferta de dispositivos metodológicos coletivos pautados na psicanálise para o trabalho com adolescentes em equipamentos comunitários, como as escolas. Entendendo que, enquanto fundamento epistemológico, a psicanálise atua como uma lente ao analisar determinados contextos, reconhecendo, também, a contribuição de outras teorias que venham proporcionar movimentos importantes na articulação psicanálise e educação.

Dessa forma, tomando as particularidades dos participantes dessa pesquisa, o sujeito da adolescência passa por uma experiência de desligamento da autoridade e busca pelos seus próprios desejos. Em outras palavras, (...) no período em que o jovem precisa encontrar formas de estabelecer uma mediação entre os desejos projetados sobre si e a assunção de seus próprios

desejos, o olhar dos pais não funciona mais como fonte suficiente de reconhecimento” (Klautau, 2017)

Nesse sentido, a busca por reconhecimento é afetada tanto pela tessitura de novos laços, como pelas possibilidades de inserção na cultura. Assim, advertidos das condições concretas de vida da maioria dos adolescentes brasileiros, em especial, os adolescentes que participaram das conversações realizadas nesta pesquisa, salientamos que a precarização da vida (Butler, 2019) se apresenta como uma questão para a travessia da adolescência.

O conceito de vidas precárias é retomado por Judith Butler (2019) a partir de uma reflexão acerca do conceito de humano e desumano, na qual podemos relacionar com Fanon (1952-1993, p.26 ) quando ele se refere a zona do não-ser. Desse modo, o polo da desumanização caracteriza as vidas que não são vistas como vidas, o desumano não tem ressonância no laço, é sem som, sem discurso e sem memória, suas mortes não são passíveis de ser enlutadas porque, enfim, a dignidade da vida nunca lhes foram dada. (Butler, 2019)

Nesse sentido, fazemos alusão a situações sociopolíticas, em que o Estado omite sua responsabilidade frente às políticas de morte, por exemplo. Uma outra forma de ilustrar esse reconhecimento e seus efeitos é exposto no campo do cinema nacional, com o filme *Ainda estou aqui* (2024), dirigido por Walter Salles. Essa produção cinematográfica traz o percurso da Eunice Paiva, interpretada por Fernanda Torres, cujo marido foi assassinado pelos militares da ditadura, em busca da certidão de óbito do seu marido. A luta pela certidão de óbito do seu marido, Rubens Paiva, interpretado por Selton Mello, é a reivindicação do reconhecimento de sua dor e da responsabilidade do Estado. A dimensão subjetiva dos efeitos de situações potencialmente traumáticas são estudadas no ramo da literatura de testemunho, a exemplo, obras como *Primo Levi e Quarto de despejo: diário de uma favelada* (Jesus, 2014).

A precarização da vida ultrapassa a falta de mantimentos como alimentação, moradia e outras condições concretas para o ser humano. As vidas precarizadas carecem de elementos simbólicos para representação, de um lugar para haver um endereçamento de sua existência e, também, carecem de palavras próprias para nomeação de si. Sendo assim,

Quando consideramos as formas convencionais em que pensamos sobre a humanização e a desumanização, debatemo-nos com a suposição de que aqueles que são representados, especialmente os que têm uma autorrepresentação, têm também uma chance maior de serem humanizados, e aqueles que não têm chance se representar correm um risco maior de serem tratados como menos do que humanos, de serem vistos como menos do que humanos, ou, na verdade, de não serem vistos de forma alguma (Butler, 2019, p.123)

Em razão disso, são condições que geram estigmas nas quais “produzem a inscrição de marcas identitárias cujas repercussões ultrapassam o plano econômico e social, e acabam causando efeitos na dimensão subjetiva” (Klautau, 2017, p. 116). Um exemplo do que a autora está situando pode ser observado na fala de uma das adolescentes do grupo: *"Eu desenhei um rato, porque eu me sinto um rato de esgoto"*. Esse é um exemplo de uma identificação ao pior, ou seja, um retrato do que os conceitos acerca de desamparo discurso (Rosa, 2023); identificação ao pior (Guerra, 2025) e precarização da vida (Butler, 2019) tem feito o esforço de explicação. Assim,

“(…) evidenciar como o sujeito do inconsciente, o falasser, é afetado pela imanência da laço social e como sua cor, seu gênero, sua classe interferem no modo como a violência estruturante do laço social incide traumáticamente sobre seu corpo como acontecimento de linguagem” (Guerra. 2025, p.25-26)

Além disso, outra questão que apareceu nas conversações foi uma angústia quanto a comparação com o outro, o imperativo de um padrão de beleza inalcançável e a sensação de, constantemente, estarem em busca de uma imagem impossível de ser atingida. Por exemplo,

(K): Oh, eu tinha uma época que eu falava assim...Ah, eu deixava o cabelo crescer. Aí, eu deixava o cabelo crescer assim, bem alto. Ficava meio grande. Aí, eu percebi que o meu cabelo era cacheado. Pelo amor de deus. Eu chorava, meu cabelo era cacheado, não. Eu queria o meu cabelo liso. (...) Se o meu cabelo crescer, aí depois vou passar uma progressiva lá (...) Mas nesse meio tempo, eu percebi o meu cabelo bonito. Assim, cacheado.

Contudo, destaco que é necessário ter atenção para não incorrer em uma lógica discursiva individualista de que esse adolescente se cola a significantes mortíferos, ao pior, sozinho. Haja vista que, o espelho plano do eurocristão, branco, cisheteropatriarcal e burguês foi constituído inconscientemente pela dominação do colonialismo (Guerra, 2025). Desta forma, diante das reverberações da herança colonial, da desigualdade social e da precarização da vida, a conversação psicanalítica que aconteceu durante essa pesquisa foi um lugar em que tais condições puderam ser testemunhadas e legitimadas. A escuta orientada por uma psicanálise implicada permite que

(...) pela transformação narrativa que medo e angústia deixam de surgir como descarga maciça ou como sintomas psíquico, pois se tornaram histórias-ficções, como poesias, filmes, contos, pinturas... A necessidade de narrar, ou de criar ficções históricas, tem função elaborativa em relação a angústias e medos, sendo a narração uma resposta humana ao medo, ao terror e à angústia primitivos, colocando em narrativa conteúdos, até então, não submetidos ao recalque originário (Persicano, 2001, p.57)

Assim, a direção clínica e ética nas intervenções coletivas com grupo de adolescentes que vivem na pele a vulnerabilidade social é escutar, validar, dar um lugar para que isso possa ter destina, e reconhecer essas situações de precarização. Aproximando-se cada vez mais do manejo implicado diante da articulação entre psicanálise, política e cultura.

Desse modo, essa pesquisa se debruçou em compreender quais as possibilidades de narrativização do sofrimento psíquico pelo uso da ferramenta metodológica da conversação psicanalítica, dessa forma, uma das chaves de leitura da experiência que caracteriza essa pesquisa é a discussão acerca do laço social e sua dimensão discursiva. Ambos os conceitos são fundamentados dentro da teoria lacaniana, no entanto, atualmente, no Brasil, Miriam Debieux-Rosa (2023) tem feito uma atualização importante para a contribuição teórica. Desse modo, neste capítulo procurei fundamentar aspectos fundamentais para reflexão do dispositivo de conversação, enquanto possibilidade de intervenção coletiva no campo da educação. Assim, inicia-se abordando: a) o conceito de discurso e laço social; b) Sobre os desafios em narrativizar o sofrimento psíquico; c) O riso e o chiste - A presença do humor nas conversações.

### **O conceito de discurso e laço social**

O laço social corresponde ao campo da linguagem (Lacan, 1992/1969), embora seja inserido dentro da política, das relações e da libido. Os discursos são localizados dentro do laço social, nas quais compõem essa cena. Eles se referem à forma na qual o sujeito é enredado em sua posição social e são compostos pelos conflitos culturais e sociopolíticos da época, não se trata de algo estável e único, mas de algo em movimento e um discurso interposicional outro.

A não consideração da relevância dos discursos como atravessadores do sofrimento psíquico pode atenuar duas situações: a) individualização dos conflitos, responsabilizando o sujeito somente sem considerar a máquina social que o enlaça; b) “inflação do narcisismo de modo que

lhe pareça natural a distribuição perversa dos bens e do gozo, a submissão do outro à posição escravizada” (Rosa, 2023, p. 24).

Discurso é caracterizado como o que ultrapassa os níveis da palavra e impregna o sujeito e a sociedade, não existe a possibilidade de se isentar do discurso. Sendo assim, uma instituição é perpassada por discursos, especialmente, pelo discurso do mestre nesse âmbito pedagógico, ou seja, aqueles que detém a verdade do saber. Ao fazermos uma crítica a disseminação de diagnósticos, rótulos e etiquetas na escola é a esse discurso que nos referimos, quanto aquele que visa conter o sujeito a um molde de civilização específica e hegemônica. Isso surge nas conversações sob a forma de uma normatização do desejo, da fala, a solicitação para ir ao banheiro, para falar. E ao contrapor essa demanda, percebemos os adolescentes se espantam quando são colocados no lugar de fala, de responsabilização sobre o que se fala, uma vez que a

(...) conversação visa abrir brechas no discurso, oferecendo condições para a emergência do equívoco, da surpresa naquilo que se diz, fazendo com que o sujeito se depare com sua alteridade inconsciente” (Berni et al, 2023, p.176).

Assim, Lacan (1992/1969) aponta que o único discurso que faz contraponto ao discurso do mestre é o da histórica, por uma operação de histericização do saber, fazendo um furo no que é rígido e consistente. Na medida que o pesquisador está ocupando o discurso do analista é possível fazer essa operação da histericização do discurso. Logo, se Dunker (2020, p.16) afirma que a função da psicanálise na escola é escutar o sujeito deixando um lugar para o enigma, para uma invenção própria de um saber-fazer com seu sofrimento, essa operação se torna possível quando se estabelece um lugar de vazio, a partir de um não-saber, elevando o vocabulário semântico engessado, talvez, a um nível de significante, ou pelo menos, arejando sentidos rígidos acerca da sua própria existência.

Logo, é a partir desse referencial que faz sentido pensar nas conversações psicanalíticas por meio de uma análise ampla do laço social e dos discursos que enredam os sujeitos adolescentes. Por meio dessa chave de leitura, conseguimos compreender como os adolescentes têm se posicionado dentro dos discursos que lhe são ofertados por meio de um enrijecimento das formas de existência.

Rosa (2023) explica ser fundamental uma análise do discurso do Outro que atravessa esse sujeito, a fim de compreender a posição deste no laço social - que mais profundamente se articula a sua forma sintomática de lidar com o mal-estar. Advertidos disso, já podemos entender que nas conversações apresentadas nesta pesquisa, os adolescentes são permeados pelo discurso do mestre, a exemplo da própria dimensão pedagógica tradicional na escola, além do mestre da cultura, que, principalmente por meio da internet, dita a forma na qual se deve viver. Tal aspecto foi muito comum aparecer nas conversações pela angústia de não se encaixar em padrões, relacionado ao corpo e às formas de vestir-se e se produzir. Além disso, existe a dimensão de enquanto pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, colocam o discurso universitário à frente, como aquele que detém o saber. Ainda assim, tal enfoque é potencializado pelos estigmas que ainda se tem quanto à psicologia, associando-a à patologização e psiquiatrização do sofrimento. Logo ao fazer uma análise panorâmica dessa situação podemos observar a forma como os discursos circulam dentro da instituição e se mostra como uma ferramenta potente para compreender os efeitos da circulação do grupo dentro da instituição.

Desse modo, expandir as formas de narrativização do sofrimento psíquico está relacionado ao conceito e reflexão que Rosa (2023) nomeia como desamparo discursivo. O desamparo discursivo é “quando o discurso social e político, carregado de interesses e visando manter ou expandir o seu poder, mascara-se de discurso do Outro (campo da linguagem) para capturar o

sujeito em suas malhas - seja na constituição subjetiva, seja nas circunstâncias de destituição subjetiva” (Rosa, 2023, p. 24). Assim, a autora afirma que pretende-se confundir o impossível (morte, falta) com o proibido ou inacessível, colocando os sujeitos em um lugar de silenciamento

Desse modo, o desamparo discursivo promove um silenciamento (Rosa, 2023) e lança o sujeito a ser falado por vários discursos, dificultando o reconhecimento de um nome para si, operação cara no período da adolescência. O conceito em questão surgiu nas conversações em diferentes momentos, no entanto, com incidência significativa quando quando a cadeia rumou para as aspirações do futuro, o ingresso na universidade e no mercado de trabalho e na incerteza pós-ensino médio.

A partir dessa noção, quando há condições concretas de vida que impossibilitam ou dificultam a sustentação de uma posição desejante frente a vida, falamos em psicanálise de uma responsabilização quanto à sua escolha e desejo e é importante demarcar que responsabilidade e responsabilização são direcionamentos distintos. Rosa (2023) atribui a responsabilidade à cena social, engendrada em uma culpa e em um binarismo entre culpado/vítima. Por exemplo, no caso relatado em sua pesquisa com adolescentes que cometeram ato infracional, a responsabilidade passa pela via do jurídico, sobre qual pena eles vão pagar o ato, localizando-os como *delinquentes*. A responsabilização, por sua vez, se relaciona com o posicionamento ético político dentro do laço social, de modo que “garante não só a contenção de excessos, mas também um lugar para a alteridade e diferença”. (Rosa, 2023 p. 165).

Entendemos, assim, que a responsabilização se articula com a sustentação da ética do sujeito em relação ao seu desejo, bem como as reverberações disso para si e para o outro. Desse modo, pensando pelo prisma metodológico, a política e a clínica aparecem juntos quando lançamos mão de dispositivos que visem compreender os aspectos culturais e sua afetação ao sujeito. Portanto,

a autora trabalhada acima nos adverte da necessidade de discutir os dispositivos de intervenção com psicanálise em contextos de desamparo discursivo e social, por isso justifica-se o caráter dessa pesquisa de explorar a ferramenta metodológica da conversação dentro do contexto educacional.

Assim, em consonância com o que vem sendo discutido, Coutinho (2024) trabalha com a concepção de dispositivo clínico em contexto educacionais. A definição de dispositivo clinicopolítico é a de “a instauração de espaços de fala e escuta em contextos sociais e institucionais que remetem ao resgate do sujeito no laço social e à construção de modalidades singulares e coletivas de resistência aos processos de alienação social” (Coutinho, 2024, p. 190). Sendo assim, apostamos no fluxo da palavra como premissa para elaborar práticas discursivas que possam colocar pontos de interrogação, naquilo que é tomado como inquestionável.

Para a autora, essa orientação “(...) implica que o psicanalista, necessariamente, lance mão de estratégias clínicas não convencionais, que levem em conta o contexto social institucional, complexificando suas estratégias (...)” (Coutinho, 2024, p.188). Em virtude disso e tomando essa definição, as conversações ocorridas nessa proposta de pesquisa aspiraram atuar como dispositivo clinicopolítico, refletindo quais as implicações e impasses para ofertar um espaço de escuta na escola atualmente.

Portanto, persistimos para que o pesquisador de corpo presente esteja na instituição assumindo uma escuta sensível ao que se expressa para além da demanda escolar, transcendendo a lógica estandardizada de uma saúde mental como objeto de consumo e indo ao encontro de uma prática que defende que a saúde mental é um direito à cidadania (Rosa, 2023).

### **Sobre os desafios em narrativizar o sofrimento psíquico**

Walter Benjamin (1994) realiza uma reflexão acerca da extinção da possibilidade de existir um narrador na atualidade de sua época, para isso, o autor retoma um romancista russo, chamado Nikolai Leskov, em que, por mais que não seja tão conhecido mundialmente como Tolstói e Dostoievski, carrega com ele a forma de contar o cotidiano da Rússia daquela época. Uma das marcas centrais de sua obra é a incorporação do dito, dentro de sua obra, bem como uma reflexão a partir da perspectiva de um homem simples, que por algum tempo, em um cargo de agente russo em uma empresa inglesa, mergulhou na cultura e nas experiências da vida russa.

É importante salientar que este é um texto de 1936 e o autor já argumentava que em um grupo, ao ser convidado para narrar ou contar algo, permanecia uma certa confusão, que ele nomeia de embaraço. Fazendo paralelo com os grupos de conversação que foram realizados nesta pesquisa, percebemos que esse embaraço se coloca em forma de risos, humor e piadas. O autor afirma que o declínio da capacidade narrativa é atribuído à “como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1994, p.198).

A razão dessa ausência da capacidade narrativa estaria articulada ao empobrecimento da narrativa oral, segundo o autor. Desse modo, “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes” (Benjamin, 1994, p.201). Podemos articular essa concepção com a intencionalidade das conversações ofertadas, em que se pretende retomar a faculdade de narrar e de escutar, portanto, de suportar a diferença do outro, dando um lugar para pensar a alteridade.

Além do declínio de narradores, Benjamin argumenta um empobrecimento nos ouvintes, na capacidade de ouvir, retoma o tédio como importante atributo nesse processo. Ele usa o exemplo

de metáforas com tecer e com o artesã, tecer algo, uma escrita, uma fala, uma dissertação, um grupo, um trabalho. Usa também a metáfora do oleiro que grava sua mão no produto final, como a narrativa que carrega a marca do narrador. Benjamin já traz essa dimensão do *short story*, e Chul-Han atualiza-o com o conceito de *storytelling* e podemos avançar, quando refletimos sobre a captura da atenção pelos *shorts videos (reels)* das redes sociais.

Ainda, “Narrar o inenarrável é uma tarefa que requer uma postura de sujeito mesmo quando o próprio sujeito está negado pela existência opressiva”. (Moretto, 2017, p.160) E, fazendo um paralelo com o que foi mencionado cerca de um vocabulário uno para se referirem ao mal-estar ou as emoções/sentimentos difundidos em escolas, redes sociais e trabalhos, vemos que a problemática não está em pensar e ver nomes para as demandas, ou buscar auxílio quando se percebe um prejuízo na subjetividade ou na constituição psíquica, mas é atribuir uma explicação generalizada sobre o que aquilo quer dizer sobre si, sem qualquer contextualização e responsabilização singular própria. “(...) quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo que acontece está a serviço da informação”. (Benjamin, 1994, p.203).

Nessa esteira temática, o filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han (2023) argumenta que vivemos em tempos de uma crise da narração. Essa proposta descrita pelo autor é abordada na modernidade por Walter Benjamin, cujo é uma das fontes que Byung- Chul Han utiliza. A crítica à crise da narração entra em diálogo com o que Dunker (2015) estabelece como uma “redução do mal-estar à dor sensorial” (p. 33). Para Han (2023), esse empobrecimento da narrativa foi capturada pelo capitalismo neoliberal, haja vista, atualmente, presenciamos o ápice da prática do *storytelling*, ou seja, uma história contada visando apoderar-se da atenção dos usuários de redes sociais e, a partir, disso, se almeja a monetização e mercantilização das

narrativas, a fim de criar uma comunidade de consumidores de conteúdo produzidos para serem vendidas.

Essa problemática tem ressonâncias em diversos campos de interesse, na política tem sido visível, haja vista as últimas eleições presidenciais dos países, o conflito de interesses entre *big techs* e os efeitos no campo sociopolítico. Entre estes campos, encontra-se a problemática da saúde mental, na qual tem sido a *moeda da vez* e, como toda moeda, possui dois lados. Por uma vertente, é relevante a disseminação da importância de se falar em saúde mental, levando em conta, o desmanche de preconceitos, uma maior preocupação com as subjetividades e com as pessoas que são acometidas por sofrimentos psíquicos graves. É inquestionável que muito desse avanço se deve a luta antimanicomial, que ainda se configura como um desafio no país, mas que teve os seus progressos no que tange a reforma psiquiátrica.

O outro lado da moeda, é a apropriação neoliberal do discurso sobre saúde mental, colocando-a como um objeto de consumo. Bassols (2015), explica que o que se testemunha na contemporaneidade é a isenção de uma reflexão da ciência sobre seu próprio efeito nos sujeitos. O autor relaciona esse deslumbramento a tudo que tem a palavra *neuro* ou *gene*, como se fosse a fantasia da época. Em outras palavras, qualquer atividade que coloque o prefixo *neuro*, é uma forma de obter, de certo modo, um selo de aprovação e de, porque não, uma garantia.

O advento do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), principalmente o DSM III, datado da década de 80, inaugurou um novo cenário no campo da psiquiatria dos transtornos mentais. O manual foi elaborado com a pretensão de ser “descritivo e de posição atórica, baseado em princípios de testabilidade e verificação em que cada transtorno passa a ser identificado por critérios acessíveis à observação e mensuração empírica” (Martins, 2008, p. 332).

A partir disso, há a possibilidade de relacionar o marco citado anteriormente com o crescimento do movimento da neurociência e da genética. Ortega (2009) vai além e explica acerca das definições de neurocultura e do sujeito cerebral. Essas definições servem a um conceito mais amplo, qual seja o da biossociabilidade, cunhado por Paul Rabinow (1996). A biossociabilidade está relacionada ao movimento coletivo de se identificar a partir de categorias biomédicas. Nesse sentido, esses sujeitos recorrem a um vocabulário específico, seja da psicologia, seja da psiquiatria. Portanto, ao se organizarem em torno do cérebro, tanto para fazer uso de diagnósticos, quanto para potencializar performances e atingir um padrão de funcionamento total do cérebro, levam a criação do que Ortega (2009) nomeia de neurosociabilidades e neuroidentidades. Tais conceitos expostos acima pretendem ser um dos pontos teóricos a serem aprofundados na realização dessa pesquisa.

Nessa pesquisa, compreendemos que a enunciação dos adolescentes e o desenvolvimento dos grupos só foi possível quando construída com eles e respeitando os limites do vínculo com a escola. As conversações que foram nomeadas como “Na cabeça da gente, falando o que sente”, possibilitam aos adolescentes ir de encontro a lógica que se é imposta de que se produz incessantemente, de uma performance sem espaços para rupturas e para diferença, nos quais se distanciam do que se chama sujeito do inconsciente para psicanálise (Calazans e Cardoso, 2020, p. 45) para uma criação de uma narrativa em nome próprio.

Com base nessa proposta além-divã e relacionando com a pesquisa-intervenção com adolescentes, mostra-se relevante para este estudo o livro, *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma* produzido por Dunker (2015). O autor realiza uma estreita crítica à sociedade brasileira, através da metáfora da gestão condominial e ilustrações acerca da economia e política do país.

Nesse sentido, é importante salientar a distinção que o autor faz de mal-estar, sofrimento e sintoma, além de compreender como isso aparece no dispositivo metodológico da conversação. O mal-estar se relaciona com o que Freud (1930/1996) traduz em *Mal-estar na civilização*, já explicitado anteriormente, como a condição do homem em conflito com a cultura e não há um localizador possível. Desse modo, na psicanálise, o mal-estar pode ser representado pelo conceito de angústia, apesar de não se limitar a isso, e é interdependente da culpa inconsciente (Dunker, 2015).

Já o sofrimento diz respeito ao narrável, com uma história a ser contada, “é uma experiência de reconhecimento intersubjetivo” (Dunker, 2015, p.24). Para ser narrado precisa-se de um interlocutor, ou seja, de um endereço, por isso a hipótese dessa pesquisa é a aposta de as conversações funcionarem como um espaço na escola de abertura para as possibilidades de narrações possíveis sobre o mal-estar, portanto, buscam proporcionar um vazio entre o que se diz e o que se escuta.

Para tanto, é preciso fazer uma diferença entre narrativização e identificação. Por exemplo, quando em um vídeo curto de rede social, uma pessoa elege os sinais que podem indicar que o telespectador possa ter o diagnóstico de Transtorno de Boderline, isso é uma identificação, através de um checklist. fato pode ser entendido com o que Dunker (2015) explica que, junto da globalização do capital houve, também, uma globalização das formas de sofrimento. Esse acontecimento é comprometedor e perigoso pensando nas problemáticas da desigualdade social e da história sociopolítica de cada país, ponderando, inclusive, os efeitos psicossociais das condições concretas de vida de um país colonizado, como o Brasil. Já na narrativização, o que está em ênfase é o próprio narrador, ou seja, seria o modo que o narrador escolhe para transmitir sua narrativa.

## O riso e o chiste - A presença do humor nas conversações

*"Tenho duas armas para lutar contra o desespero,  
a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do  
sonho."*<sup>9</sup>

Resolvi trazer a discussão acerca do chiste ao perceber que nas conversações o elemento do humor, do cômico e do chiste esteve presente na maior parte dos momentos. Além disso, existem outras formações do inconsciente que poderiam ser trabalhadas, no entanto, o chiste tem uma relação íntima com a adolescência brasileira e com minha própria relação com a escuta do (meu) inconsciente. Dessa forma, uma vez que a intenção dessa pesquisa é explorar a caracterização da ferramenta da conversação com adolescentes, entender como as atuações em relação ao humor estão se colocando na cadeia, se mostra relevante.

Safatle (2020) inicia sua escrita tomada por definir como o neoliberalismo atua como uma economia moral com uma epígrafe "*No era depressión, era capitalismo*" uma imagem de uma pichação feita no Chile em 2019 que ficou famosa e tomou as redes sociais. Essa frase tem um teor de chiste. Uma estratégia frequentemente usada nos grupos de conversações ocorridos, o uso do humor para falar de algo que é sério e os participantes fizeram uso do chiste para nomear violências e preocupações. Um exemplo disso é quando ao se referirem que algum colega foi assaltado em frente a escola, eles fazem o trocadilho "*Conte aí a novidade*".

Já o riso faz parte da existência da vida, do inesperado, do imprevisível e é uma operação psíquica que o sujeito realiza. Dessa forma, as nuances do humor aparecem de modo diferente para diferentes sujeitos, cada um fazendo um uso que contempla seu próprio sintoma (Vieira, 2023).

---

<sup>9</sup> Frase conhecida por ser dita pelo Ariano Suassuna em seus vídeos, não há registro formal em livros.

Assim, se ao longo de toda essa dissertação argumentamos que na conversação fazemos uma operação com a palavra, claro, que surgiria o chiste, o humor e o cômico nessa jogada. Freud assimilou o cômico, o chiste e o humor como três formas de descarregar prazer por meio do riso. Considerado como uma das formações do inconsciente que subvertem a cena psicanalítica. Fazendo uma contextualização com o cenário cultural brasileiro, percebe-se que além do desencontro na linguagem, haja vista, é uma palavra não muito usual na língua portuguesa brasileira, ainda tem o fato de que o humor é um aspecto relevante na construção subjetiva e cultural do nosso país, se afunilarmos mais, em termos estaduais, essa pesquisa se concretiza na terra do humor, o Ceará. Assim, do ponto de vista geopolítico, entendemos que o humor americano é diferente do humor inglês e, também do Francês, logo, advertidos desse cenário é que se torna possível realizar uma discussão como o chiste e o humor aparecem nas cenas da conversação.

O chiste é designado como formação do inconsciente porque é um dito espirituoso que vem como um tropeço na linguagem, ou seja, não se planeja, é algo que surge de repente. Freud (1927/2021) explica que quando escreveu seu texto quanto ao chiste, o que ele fez foi o esforço de explicar do ponto de vista da economia libidinal o ganho de prazer, visando o encobrimento de sentimentos e afetações. Em notas de tradução da edição de 2021 da editora autêntica, os tradutores exemplificam que Witz em alemão foi recorrido à língua espanhola para ser definido como chiste, no entanto, na França se usa *mot d'esprit*, ingleses *jokes*. Witz, do ponto de vista de Chaves (2021) é aquilo que lampeja, aparece e se vai, de modo *fullgás*<sup>10</sup>.

Percebemos que a piada é esse saber-fazer com a palavra que tira a própria palavra do tempo e do previsível. Assim, a perspicácia do chiste está na capacidade de aparecer e desaparecer tão

---

<sup>10</sup> Fullgás é uma música consagrada na voz da cantora Marina Lima em que há um trocadilho com fugaz, como algo efêmero e *full gas*, como a expressão da língua inglesa que significa tanque cheio, cheio de energia.

rápido que a verdade passa despercebida. Uma direção clínica em torno do chiste é a de que o analista volte aquilo também como um dito espirituoso. Assim, em uma conversação em que os adolescentes seguiam na cadeia significante falando sobre macro e micro violências e, conseqüentemente seus medos, um adolescente homem e negro relata que o seu medo, diferentemente do que outros meninos estavam pontuando sobre o medo de sofrer violência de gênero na rua, era de ser abordado por policiais. Nesse momento, um outro colega, em um lampejo de repente fala “*mas também, né?*”. O elemento chistoso nisso, é a provocação do riso que para ele era algo óbvio, mas que sutilmente é uma fala incutida de um racismo estrutural.

O manejo é o retorno para que haja uma responsabilização sobre o que se foi dito, operando com a palavra e com o elemento do inconsciente: “como assim? mas também?” E o próprio participante junto com o grupo trata-se de associar livremente com aquela intervenção. Além do chiste, trata-se de um lugar cômico em que um objeto é eleito como objeto de riso, no caso que pode ser considerado aquele que é investido de uma segregação da alteridade, como podemos observar no exemplo anterior. (Lucena, 2024).

Um dos elementos que mais apareceram a ser utilizada a ferramenta da conversação foi o riso. Geralmente nos momentos de silêncio, em que havia um vazio ali, algum adolescente surgia com um “*cri cri*” e todos caíam nas risadas, outro exemplo, quando uma fala possui teor mais sensível ou uma seriedade, alguns nomeiam aquele ato como “*pesar o clima*” - que é uma gíria da internet - mas havia essa função de minorar ou fazer vacilar o que em cada um tocava. A intervenção inicial foi a de um consentimento, em relatar que aquele sim era um lugar de pesar o clima, com o passar das conversações o momento foi manejado em direção a responsabilização de sustentar o “*climão*”, ou seja, se responsabilizar pelo que foi ali dito.

Já o humor faz surgir “(...) a emergência de uma barreira, impedindo que o desprazer avance através de um desvio pelo ato de fala, o que faz com que o prazer, expresso através do riso, emerja em seu lugar.” (Lucena, 2024, p.54). Ainda, Freud nos fornece um direcionamento clínico importante, “A piada produzida pelo humor também não é o essencial, ela tem apenas o valor de uma prova; o fundamental é a perspectiva indicada pelo humor, se ele mobiliza a própria pessoa ou uma estranha” (Freud, 1927/2021, p.279).

Além disso, “ (...) cômico pode deixar cair a cortina do teatro das relações de poder, expondo que não há papéis de destaque, pois todos são meros atores que compõem a cena social” (Lucena, 2024, p.73). Assim, cabe ressaltar aqui esses elementos identificados na modalidade de conversação com os adolescentes, a presença do humor, do chiste e do cômico, como observamos com Freud em que se objetiva uma descarga de prazer na poupança de sentimentos.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa teve como objetivo principal avançar na discussão metodológica do uso das conversações dentro do território escolar com o público adolescente. Desde o início do curso de mestrado a pergunta bússola vem passando por transformações e acabamentos. Foram meses de orientação, discussão com os colegas do grupo de estudo e com a turma do mestrado, bem como alinhamento teórico-metodológico realizado na qualificação. O que permanece diante desses dois anos de intenso trabalho é a implicação acadêmica de buscar reflexões acerca de como se pode pensar em ferramentas de intervenções de base psicanalítica que possam ser inseridas dentro do contexto escolar. Além da adequação da ferramenta para o público adolescente dentro da escola, também privilegiei pensar nas implicações das conversações em diálogo com as especificidades do território brasileiro, considerando as dimensões sociopolíticas do sofrimento psíquico.

Desse modo, me abasteci de produções importantes para concretizar essa pesquisa, montando,

assim, meu mapa de autoras (Diniz, 2024), buscando balizar as influências psicanalíticas basais como Freud e Lacan articulando com as produções contemporâneas, a exemplo, Miriam Dèbieux-Rosa, Andrea Guerra, Luciana Coutinho, Dunker, Safatle e entre outras referências. Além disso, a literatura latino-americana foi imprescindível para adentrar no conceito de adolescências plurais, a fim de fazer exemplificar a pluralização das formas de viver a essa travessia.

Sendo assim, propus como objetivo geral desta pesquisa, discutir como as conversações auxiliam na elaboração de uma narrativa do sofrimento psíquico, a partir de uma experiência com estudantes do ensino médio de uma escola pública situada em Fortaleza. E, dessa forma, foi possível contemplar essa questão de pesquisa e isso pôde ser observado por duas instâncias. Primeiro, realizei junto ao grupo de pesquisa um intenso trabalho de campo com os adolescentes de uma escola pública situada em Fortaleza. Estar em campo com os adolescentes que participaram dessa pesquisa, provocou uma corporeidade importante para produção de pesquisa acadêmica no Brasil. Assim, o deslocamento, por alguns meses, das salas e laboratórios da Universidade para o pátio da escola e engendrou um status honesto às reflexões sobre saúde mental dos adolescentes no contexto escolar.

Segundo, juntamente com o trabalho em campo, a articulação teórica e a formalização disso na escrita dessa dissertação, aponta que as conversações podem sim auxiliar na narrativização do sofrimento psíquico dos adolescentes, na medida em que possibilita criar um espaço aberto e livre de um saber prescritivo que antecipa a fala dos adolescentes. Ou seja, compreender que as conversações assumem seu papel de destravar identificações, de falar em nome próprio e de testemunho das violências, quando se privilegia a construção deste espaço junto *com* os adolescentes. E, quando, por meio da histericização do discurso, suspendem qualquer saber sobre

eles, ao passo que, o movimento é de não incorrer no que os pesquisadores têm a dizer, mas de apontar para o movimento da cadeia ressonante e destacar o que os adolescentes têm dito.

Os objetivos específicos serviram como disparadores para cada passo da pesquisa. O primeiro se referiu à apresentar as conversações como uma modalidade de pesquisa-intervenção a partir da psicanálise. Essa proposta foi atingida, principalmente, quando realizei a produção do artigo submetido à revista *DesIdades*, nomeado como “*Conversações psicanalíticas com adolescentes no contexto escolar*”, na qual fiz uma revisão narrativa acerca das produções acadêmicas que caracterizavam a prática da conversação. A partir disso, fiz um recorte de experiências exitosas e o que faziam delas experiências exitosas.

O segundo objetivo específico propôs entender como os adolescentes se apropriam do dispositivo das conversações na construção de uma narrativa sobre si. E formalizamos esse passo através da discussão acerca da narrativização do sofrimento psíquico e a exploração de duas principais vertentes, a construção de uma fala em nome próprio e a propensão dos grupos de conversações serem um lugar de apalavrar situações de violências urbanas, domésticas e estruturais que os adolescentes vivenciam. Por fim, o terceiro objetivo específico visou fazer o mapeamento dos desafios do uso dessa metodologia, por meio da experiência realizada. Essa intenção foi atribuída à discussão da construção do método, destacando fatores de logísticas e de ocupação do campo.

Diante desses norteadores, foi organizada essa dissertação a partir de três capítulos. O primeiro, fazendo um percurso acerca da adolescência, da psicanálise e da educação, destacando as seguintes vertentes principais: A construção sócio-histórico do fenômeno da adolescência, buscando contemplar as noções construídas acerca desse período, mas também, destacando as especificidades do território em que cada adolescência se constrói. Além disso, segue o capítulo

demonstrando qual a visão epistêmica que guia essa produção, nesse caso, as lentes psicanalíticas. Por fim, articular essas duas noções das especificidades do território escolar. Nessa primeira discussão, considera-se que pelas lentes dos adolescentes é possível compreender o que se passa no cenário sociocultural de cada época e essa é uma chave importante para construção conjunta de intervenções que visem a promoção da saúde mental dentro do contexto escolar.

O segundo capítulo é primordial para compreensão de toda proposta desta dissertação. Através da cadeia significativa de cada conversação, montei uma tabela para que fique visível do que se trata quando nos referimos ao movimento ressonante da cadeia significativa. Assim, foi possível perceber como cada conversação operou e, ainda, como os adolescentes foram se apropriando do método. Assim, destaco, também, duas funções que se mostraram relevantes e se caracterizam como potencialidade dessa ferramenta metodológica, a construção da narrativa em nome próprio, ou seja, de se colocar enquanto autor diante de sua fala e, segundo, a função da conversação como um lugar de endereçamento das sucessivas violências que afetam o cotidiano desses adolescentes. Foi um lugar para se falar sobre racismo, sobre violência de gênero, violência doméstica e, também, sobre os medos do futuro ao se lançarem na vida adulta. Para mais, exploro uma forma de analisar o material produzido nas conversações que é a análise de enunciação desenvolvido pela Bardin (1997), a fim de exemplificar trouxe o recorte de dois trechos que expressam os deslizamentos da cadeia significativa.

No terceiro e último capítulo apresentei as noções práticas geradas em campo articuladas as discussões existentes acerca do sofrimento psíquico dos adolescentes. Ressaltei elementos pertinentes como: o conceito de vidas precárias é retomado por Judith Butler (2019) para contextualizar sobre as noções que perpassam a constituição subjetiva de adolescentes que vivem

em um território que é constantemente alvo de negligência pública de assistência social, equipamentos de cuidado em saúde, segurança e infraestrutura. A partir disso, explorei também os aspectos do discurso e do laço social, enfatizando as noções de desamparo discursivo (Rosa, 2023) como pivô para pensar os desafios da narrativização do sofrimento psíquico e como isso opera sociopoliticamente no campo da saúde mental. Por fim, elaborei uma discussão acerca da presença do elemento chistoso e do humor nas conversações, visto que foi um recurso utilizado com frequência pelos adolescentes durante todo ciclo de conversação.

Ao final deste percurso, é possível afirmar que as conversações podem ser consideradas uma ferramenta viável para pensar em modos não hegemônicos de realizar intervenções com base psicanalítica dentro do território escolar. Como principal potencialidade desta metodologia, destaco a capacidade de operar deslocamentos e consentir com a palavra como forma de ir de encontro aos efeitos uniformizadores da gramática nosológica que tem se apossado do campo da saúde mental. Ainda, destaco, a disposição de as conversações serem uma forma de trabalhar a coletividade dentro do espaço escolar sem desconsiderar as invenções singulares de cada um. Outro atributo importante a ser considerado é que em um trabalho a longo prazo, as conversações devem firmar seu caráter clínicopolítico, ou seja, expandir seus efeitos a toda comunidade escolar.

Apesar disso, também reconhecemos as limitações desta pesquisa, por isso, a sua contribuição à comunidade científica acontece, na medida em que, consideramos que este é um assunto que é urgente ser avançado. Haja vista, as situações que demandam manejo interdisciplinar dentro do território escolar tem aumentado e isso faz com que tenhamos que, enquanto pesquisadores, ser ativos na construção de intervenções coletivas em saúde mental dentro da educação. Por isso, não pretende-se finalizar essa discussão, mas abrir caminhos,

questões, dúvidas, ressalvas, para que seja garantido que a escola continue a ser para muitos adolescentes um lugar de vida, de possibilidades e de criação de outros mundos possíveis.

### Referências

Amado, J. (2009). *Capitães da areia*. Companhia das Letras.

Andrade, M. de. (1987). *Amar, verbo intransitivo* (14ª ed.). Itatiaia.

Arreguy, M. E., & Coutinho, L. G. (2015). Considerações sobre afetos e violências no espaço escolar: Conversações com professores. *Educação em Revista*, 31(3), 279–298.

<https://doi.org/10.1590/0102-4698161443>

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bassols, M. (2015). As neurociências e o sujeito do inconsciente. *Opção Lacaniana*, (17), 1–25.

[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_17/As\\_neurociencias\\_e\\_o\\_sujeito\\_do\\_inconsciente.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_17/As_neurociencias_e_o_sujeito_do_inconsciente.pdf)

Batista, B. O., & Neves, L. (2021). Recursos do teatro como dispositivo na metodologia da conversação com jovens que apresentam impasses com a escola. In *Anais do LEPSI-INFEIES-RUEPSY 2021* (pp. 44–47). Universidade de São Paulo.

<https://sites.usp.br/lepsi/wp-content/uploads/sites/949/2023/02/anais-LEPSI-INFEIES-RUEPSY-2021.pdf>

- Benjamin, W. (1994). O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura* (S. P. Rouanet, Trad.; 7ª ed.). Brasiliense.
- Berni, J. T., Gomes, P. S., & Lima, N. L. (2023). A conversação ativa como proposta de abordagem metodológica em psicanálise: Uma escrita em dois tópicos. *Humanidades & Inovação*, 10(4).  
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8650>
- Brasil. (2019). *Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019*. Diário Oficial da União.
- Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2024). *Censo Escolar da Educação Básica 2024: Resumo técnico*. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Educação, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, & UNESCO Brasil. (2024). *1º Boletim técnico: Escola que protege – Dados sobre violências nas escolas*. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Educação, & Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2025). *Apresentação coletiva: Censo Escolar da Educação Básica 2024*.
- Butler, J. (2019). *Vidas precárias: Os poderes do luto e da violência* (T. Novaes & V. Faria, Trans.). Autêntica.
- Calazans, R., & Cardoso, M. O. (2020). O agenciamento neoliberal do conceito de crise e seus efeitos na criminalização da juventude. In A. M. C. Guerra & J. O. Moreira (Orgs.),

- Adolescências e narrativas memorialísticas: Escutando apostas inconscientes* (pp. 42–54). EDUNISC.
- Carvalho, V. (2013). Psicanálise/educação: Rumo a um saber novo. In S. Santiago, B. Brisset & M. Miller (Eds.), *Crianças falam! e têm o que dizer: Experiências do CIEN no Brasil* (pp. 107–112). Scriptum.
- Chaves, E. (2021). Nota de tradução [sobre *Witz e chiste*]. In *A arte, a literatura e os artistas, obras incompletas de Freud*. (p. 281). Autêntica.
- Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa. (2023). *Violência no Grande Bom Jardim sob a perspectiva de estudantes de escolas públicas de ensino médio*. CDVHS.  
<https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2024/08/CDVHS-Relatorio-da-Pesquisa-Violencia-no-Grande-Bom-Jardim-sob-a-perspectiva-de-estudantes-1.pdf>
- Coelho, H. B. P., et al. (2023). Implementação da técnica de conversação como projeto de extensão universitária em uma escola de Belo Horizonte. *Brazilian Journal of Development*, 9(7), 22707–22716.  
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/61663/44427>
- Corti, A. P. (2019). Ensino médio: Entre a deriva e o naufrágio. In F. Cássio (Org.), *Educação contra a barbárie* (pp. 47–52). Boitempo.
- Coutinho, L. G. (2020). Ocupa escola: Tratamento aos impasses da adolescência no laço social? *Estilos da Clínica*, 25(1), 63–76. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i1p63-76>

- Coutinho, L. G. (2023). Adolescência e apagamento da dimensão alteritária: Da dor à política. *Revista Cult*, 26(295), 28–30.
- Coutinho, L. G. (2024). Dispositivos clinicopolíticos em psicanálise e educação. *Cadernos de Psicanálise | CPRJ*, 46(50), 185–195.  
[https://www.cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/56](https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/56)
- Diniz, D. (2024). *Carta de uma orientadora: Sobre pesquisa e escrita acadêmica*. Civilização Brasileira.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. Boitempo.
- Dunker, C. I. L. (2020). *A paixão da ignorância: A escuta entre a psicanálise e a educação*. Contracorrente.
- Dutra Viola, D. T., Laguárdia de Lima, N., & Rimet Nobre, M. (2020). O resgate da narrativa na cultura digital. *Revista Subjetividades*, 20(1), e8031.  
<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i1.e8031>
- Evaristo, C. (2022). *Canção para ninar menino grande*. Pallas.
- Fanon, F. (1993/1952). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. Edufba.
- Freud, S. (1996). *Análise terminável e interminável*. Imago.
- Freud, S. (1937/1996). *O mal-estar na civilização*. Imago.
- Freud, S. (1999). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Companhia das Letras.

- Freud, S. (2006). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio (1910). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 243–244). Imago.
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência (1912). In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia* (pp. 133–146). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2021). Tratamento psíquico (1890). In *Obras incompletas de Sigmund Freud* (C. Dornbusch, Trad.). Autêntica.
- Freud, S. (2021). O humor (1927). In *Arte, literatura e os artistas*. Autêntica.
- Gabarron-Garcia, F. (2023). *Uma história da psicanálise popular*. Ubu.
- Gonçalves, A. M. (2006). *Um defeito de cor*. Record.
- Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise. *Ágora*, 4(1), 85–101.  
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000100006>
- Guerra, Andréa Máris Campos. (2005). A psicanálise no campo da saúde mental infanto-juvenil. *Psychê*, 9(15), 139-154. Recuperado em 09 de janeiro de 2026, de  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100011&lng=pt&tlng=pt).
- Guerra, A. M. C. (2022). *Sujeito suposto suspeito*. N-1 Edições.
- Guerra, A. M. C. (2025). O atravessamento da colonialidade no inconsciente. In A. M. C. Guerra (Org.), *A clínica psicanalítica com adolescentes na geopolítica pós-colonial* (pp. 20–45).  
<https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2025/a-clinica/guerra-a-clinica.pdf>

Guerra, A. M. C., Moreira, J. de O., & Silva, A. C. D. (2022). Narrativas memorialísticas e arte na cena da pesquisa psicanalítica. *Psicologia em Estudo*, 27.

<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.47143>

Gurski, R., & Lo Bianco, A. (2023). A escola sob ataque e o lento cancelamento do futuro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(4), 1560–1576.

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v23nspe/1808-4281-epp-23-spe-1560.pdf>

Han, B.-C. (2023). *A crise da narração*. Vozes.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2024). *Censo Escolar da Educação Básica 2024: Resumo técnico*. INEP.

[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2024.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf)

Jesus, C. M. de. (2014). *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (10ª ed.). Ática.

Jucá, V. J. dos S. (2020). Adolescência, ensino médio e projetos de vida na escola pública. *Estilos da Clínica*, 25(3), 394–406.

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v25n3/a04v25n3.pdf>

Jucá, V. J. dos S., Barros, D. N. S., & Lemos, R. M. (2021). As conversações e a narrativização do sofrimento psíquico. *Revista de Psicologia*, 12(2), 132–146.

<https://doi.org/10.36517/revpsiufc.12.2.2021.10>

- Klautau, P. (2017). O método psicanalítico e suas extensões. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(1), 113–127.  
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/z4bkybWr9b7nGWdtvyqcDRH/?format=pdf&lang=pt>
- Lacan, J. (1985). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Livro 11). Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969–1970)*. Zahar.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da linguagem e da psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238–324). Zahar.
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan, *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1998). Intervenção sobre a transferência (1966). In *Escritos* (pp. 214–228). Zahar.
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: A transferência (1960–1961)*. Zahar.
- Laurent, E. (2013). O analista cidadão. *Revista Curinga*, 7–13.
- Laurent, E. (2017). Retomar a definição do projeto do CIEN. In *Trauma, solidão e laço na infância e na adolescência*.
- Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência*. PUC Minas.
- Lucena, L. P. (2024). *A incidência do chiste, do cômico e do humor no problema da segregação* (Dissertação de mestrado). UFC.  
[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77315/3/2024\\_dis\\_lplucena.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77315/3/2024_dis_lplucena.pdf)
- Luz, A., & Malzoni, I. (Eds.). (2024). *Eu devia estar na escola*. Editora.

- Oliveira Alves, F. J., Fialho, E., Paiva de Araújo, J. A., Naslund, J. A., Barreto, M. L., Patel, V., & Machado, D. B. (2024). *The rising trends of self-harm in Brazil: An ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022*. *The Lancet Regional Health – Americas*, 31, 100691.
- Macedo, L. F. (2011). Não existe sujeito sem instituição!. *Almanaque On-line*, (8). Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Recuperado em 17 de outubro de 2022, de <https://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Luciola.pdf>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. N-1 Edições.
- Martins, A. L. B. (2008). Biopsiquiatria e bioidentidade. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 331–339.
- Menezes, J. de A., Colaço, V. de F. R., & Adrião, K. G. (2018). Implicações políticas na pesquisa-intervenção com jovens. *Revista de Psicologia*, 9(1), 8–17.  
<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/20638>
- Miller, J.-A., et al. (2005). *La pareja y el amor: Conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona* (pp. 15–20). Paidós.
- Miller, J.-A. (2006). *Em direção à adolescência*. Campo Freudiano.
- Miranda, M. P., Vasconcelos, R. N., & Santiago, A. L. B. (2006). Pesquisa em psicanálise e educação. In *Anais do 6º Psicanálise, Educação e Transmissão*. SciELO.
- Moretto, M. L. T., et al. (2017). O suicídio e a morte do narrador. *Psicologia USP*, 28(2), 159–164.

- Mrech, L. M. (2005). Lacan, a educação e o impossível de educar. *Lacan Pensa a Educação*, v. 9, 18–29.
- Oliveira, C. M. de, & Souza, I. de L. (2023). Educação básica no Rio Grande do Norte e os desafios da Lei nº 13.935/2019. *Serviço Social & Realidade*, p. 32.
- Oliveira, B. D. C. de., Couto, M. C. V., Sadigurschi, G., Sardinha, G. P. G., & Delgado, P. G. G.. (2024). Promoção de Saúde Mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da Atenção Psicossocial. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 34, e34077. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434077pt>
- Ortega, F. (2009). Neurosciences, neuroculture and cerebral self-help. *Interface*, 13(31), 247–260.
- Rosa, M. D., & Carmo-Huerta, V. (2020). O que resta da adolescência. *Estilos da Clínica*, 25(1), 5–20.
- Rosa, M. D. (2012). Psicanálise implicada. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 41–42, 29–40.
- Rosa, M. D. (2023). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Zahar.
- Salles, W. (Diretor). (2024). *Ainda estou aqui* [Filme]. Gulliver Produções.
- Safatle, V., Silva Junior, N. da, & Dunker, C. I. L. (Orgs.). (2020). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.

- Sato, F. G., Martins, R. C. R., Guedes, C. F., & Rosa, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: Questões para uma clínica política do nosso tempo. *Revista Psicologia Política, 17*(40), 484-499.
- Sena, I. de J., Pereira, M. R., & Scrinzi, M. M. (2023). Rodas de conversa com adolescentes: Estratégias para lidar com conflitos na escola. *Educação, 48*(1), e25/1–24.  
<https://doi.org/10.5902/1984644466258>
- Santos, B. V., & Carneiro, J. de S. (2021). Política, participação e pesquisa com infância e juventude: Uma entrevista com Lúcia Rabello de Castro. *Revista de Psicologia, 12*(2), 209–216. [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60833/3/2021\\_art\\_bvsantos\\_jscarneiro.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60833/3/2021_art_bvsantos_jscarneiro.pdf)
- Santiago, A.L. (2009). Psicanálise aplicada ao campo da educação: intervenção e desinserção social na escola. In *Inovações no ensino e na psicanálise aplicada*. Santos, T. C. (Org). Rio de Janeiro- RJ: 7 Letras.
- Pereira, M.R. (2012). A orientação clínica como questão de método à psicologia, psicanálise e educação. In *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois*. Belo Horizonte, MG: Fino traço/ FAPEMIG. (pp. 23-34).
- Persicano, M. L. S. (2001). Construções em análise na transferência. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental, 4*(2), 53–66.  
<https://doi.org/10.1590/1415-47142001002006>
- Pinto, K. M., & Santiago, A. L. B. (2012). A conexão do desejo à escola. In *A psicanálise escuta a educação*.

Vieira, M. A. (2023). Rir-se. *Boletim da XII Jornada – R.I.S.O da Escola Brasileira de Psicanálise*. <https://litura.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Rirse-.pdf>

Villada, C. S. (2021). *O parque das irmãs magníficas* (J. R. Terron, Trad.). Tusquets.

Tabela 01

CONVERSAÇÃO 01	Autista - Saúde Mental - Suicídio - Depressão - Desabafo - Criança - Trauma - Violência - Normal.
CONVERSAÇÃO 02	Criança - 15 anos - Trauma - Ex (relacionamentos antigos) - Bebida - Violência - Ensino Médio.
CONVERSAÇÃO 03	Cobrança - Bebida Alcoólica - Liderança/Amadurecimento - Procrastinar - Pandemia - Ensino Médio - Pandemia - Perdas -

	{convocação de um participante para mudar abruptamente a conversa} - Confiança.
CONVERSAÇÃO 04	Medo - Futuro - Pressão - Violência na rua - Vazio - Perdas - Saudade - Remorso - Pressão - Perdas - Suficiente - Amor.
CONVERSAÇÃO 05	Ausência/presença dos pais - Traumático - Irmãos - Amizade - Maturidade - Rivalidade feminina - Padrão - Julgamento - Escola - Pé de Meia.
CONVERSAÇÃO 06	Ambiente Confortável - Falar - Julgamento - Confiança - Sozinho - Comparação - Encaixar - Rede Social.
CONVERSAÇÃO 07	Mar - Controle - Agradar - Viver - Fim do Mundo - Não Encaixar - Julgamento - Se Importar.
CONVERSAÇÃO 08	Ódio - Criar - Esconder - Aceitação - Superação

ANEXO I - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CEARÁ - UFC



Continuação do Parecer: 7.612.493

Declaração de concordância	cartaanuencia.pdf	28/08/2024 17:51:21	ERILANIA FERREIRA MENDES	Aceito
----------------------------	-------------------	------------------------	-----------------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FORTALEZA, 02 de Junho de 2025

Assinado por:

**FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, nº 1000

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**CEP:** 60.430-275

**Telefone:** (85)3366-8344

**E-mail:** comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 7.612.493

da conversação baseada na psicanálise de orientação lacaniana (BERNI; GOMES; LIMA, 2023). Em termos acadêmicos no Brasil, a Conversação tem sido utilizada sobretudo enquanto uma perspectiva para realização de pesquisa-intervenção. O tema da pesquisa-intervenção tem um longo histórico no âmbito das ciências sociais e, dentre as autoras que utilizam a Conversação com esse intuito, destaca-se a proposição de Coutinho (2013), segundo a qual há uma premissa comum entre o método em questão e a pesquisa-intervenção. (...) Conversação, originalmente proposta como dispositivo clínico, foi aproveitada para intervenções e realização de pesquisas, no âmbito escolar, por Philippe Lacadée. Em 1996, o psicanalista criou, na França, o Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança (CIEN) com a finalidade de ampliar o campo de investigação psicanalítica, em diálogo com outros discursos que têm incidência sobre a criança e o adolescente.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos apresentados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:****Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2407486.pdf	27/05/2025 21:38:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.docx	27/05/2025 21:35:47	ERILANIA FERREIRA MENDES	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	27/05/2025 21:33:57	ERILANIA FERREIRA MENDES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoass.pdf	30/10/2024 19:24:53	ERILANIA FERREIRA MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoassentimento.docx	28/08/2024 18:04:46	ERILANIA FERREIRA MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoconsentimento.docx	28/08/2024 18:04:28	ERILANIA FERREIRA MENDES	Aceito

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, nº 1000**Bairro:** Rodolfo Teófilo**UF:** CE**Município:** FORTALEZA**CEP:** 60.430-275**Telefone:** (85)3366-8344**E-mail:** comepe@ufc.br